

COMO EU ENTENDO O LIVRO DE JÓ

Valentim Neto - 2014
(Revisão de expressões e notas)
vale.aga@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Para uma análise Espírita de O Livro de Jó, devemos nos situar na época em que se passa e seus costumes. Naquela época o espírito religioso, pelo velho testamento, não vislumbrava qualquer atividade laboriosa para o Espírito após seu desencarne; Louvar e servir placidamente ao Senhor, eternamente, sem mais entendimentos. Os costumes estavam fundados, rigorosamente, na lei Mosaica; com seus ritos, oferendas e prêmios. Os prêmios, dada a condição "servil" no céu, eram gozados na Terra e em valores materiais. Mais tarde Jesus; pela sua mensagem e exemplo, mudaria essas conceituações. Pelo Consolador recebemos conhecimentos novos, entendemos melhor a Jesus e começamos a vislumbrar como realmente é importante o mundo espiritual, as missões dos Espíritos e a "quase" inutilidade dos valores materiais. Passamos a sentir a verdadeira grandiosidade do Criador, sua eterna justiça, misericórdia, amor, enfim o Todo-poderoso que queremos, podemos e devemos Amar!

Havia, na terra de Hus, um homem chamado Jó, íntegro, reto, que temia a DEUS e fugia do mal. Nasceram-lhe sete filhos e três filhas. Possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois, quinhentas jumentas e uma grande quantidade de escravos. Este homem era o mais considerado entre todos os homens do oriente.

Vemos Jó: - íntegro, reto, que temia a DEUS... Por que temer a DEUS, alguém íntegro e reto? DEUS é colocado no velho testamento como Vingativo! Assim sendo, era normal que Jó em vez de Amá-lo o temesse! Dada a escala evolutiva espiritual, e os valores materiais dos nossos irmãos daquela época, era necessário que temessem a DEUS, para, com esse temor - iguais a crianças -, se mantivessem dentro de uma ordem moral (Aquele que desconhece a grandeza do Todo-poderoso deve temê-lo!). O "fugia do mal" deve ser entendido como "procurava não cometer maldades (erros)".

Era normal naquela época a existência de escravos, e não devemos estranhar muito a isso, pois ainda hoje vemos as mais vis formas de escravidão; física, moral, econômica etc.

Seus filhos tinham o costume de ir à casa uns dos outros para se banquetear e convidavam suas três irmãs para comerem e beberem com eles. Quando acabava a série dos dias de banquetes, Jó mandava chamar seus filhos para purificá-los e, na manhã do dia seguinte, oferecia um holocausto por intenção de cada um deles: “porque, dizia ele, talvez meus filhos tenham pecado e amaldiçoado DEUS nos seus corações”. Assim fazia Jó cada vez.

Podemos até pensar que os filhos e filhas de Jó não primavam pela Fé, pois Jó praticava o holocausto em nome deles, preocupando-se com eles, como todos os pais se preocupam por seus filhos. Com o conhecimento Espírita sabemos que nossas providências podem ajudar aos nossos irmãos, porém as graças só são obtidas por eles por seus próprios esforços.

Não era comum na família judaica que os solteiros morassem sozinho, portanto é possível que os filhos e filhas de Jó fossem casados.

Um dia em que os filhos de DEUS se apresentaram diante do Senhor, Satanás também encontrou-se entre eles. O Senhor disse-lhe: "Donde vens tu?" - "Andei dando volta pelo mundo, disse-lhe Satanás, e percorri-o todo". O Senhor disse-lhe: "Notaste o meu servo Jó? Não há ninguém igual a ele na Terra; íntegro, reto, temente a DEUS, afastado do mal". Mas Satanás respondeu ao Senhor: "É a troco de nada que Jó teme a DEUS? Não cercaste como de uma muralha a sua pessoa, a sua casa e todos os seus bens? Abençoaas tudo quanto ele faz e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estende a tua mão e toca em tudo que ele possui; juro-te que te amaldiçoará em teu próprio rosto". - "Pois bem! Respondeu o Senhor. Tudo o que ele tem está em teu poder; mas não estendas a tua mão contra a sua pessoa". E Satanás saiu da presença do Senhor.

Se admitirmos que há uma entidade do mal; como é que ela está na presença de DEUS, sem DEUS saber o que ela faz, jura por si mesma, e até induz Deus a liberar o mal sobre o bem? Como pode DEUS deliberadamente deixar que o mal se abata sobre um seu bom filho?

A criação de uma entidade, à altura de DEUS, porém voltada exclusivamente ao mal, é criação humana. O humano daquela época, e até de hoje, não atinando aos valores do plano espiritual, colocava tudo explicado em valores materiais - humanos -. Portanto, não podendo DEUS fazer o mal, devia existir outra entidade que assim procedesse (o ser humano não se julga maldoso), e deste modo estava criado Satanás (copiado dos babilônicos) etc.

Um bom entendimento para esta passagem é a seguinte: Sou feliz porque tenho méritos ou sou feliz porque nunca procurei os problemas? Não estarei levando uma vida fechada e passiva, do tipo; eu resolvo meus problemas, os outros que resolvam os seus! Ao nos voltarmos preocupados para com nossa existência após o desencarne, elevamos nosso pensamento ao Altíssimo e nessa hora é que nos "julgamos". Portanto liberamos em nós as verdades internas nossas, e essas verdades são o verdadeiro juiz que nos questiona a respeito de nossa conduta e, assim sendo, voltamos às perguntas acima, e no caso de Jó ele se impõe um duro resgate: Abandonar todos os valores materiais para sentir se realmente amava corretamente a DEUS!

Ora, um dia em que os filhos e filhas de Jó estavam à mesa e bebiam vinho em casa do seu irmão mais velho, um mensageiro veio dizer a Jó: “Os bois lavravam e as jumentas pastavam perto deles. De repente, apareceram os Sabeus e levaram tudo; e passaram à espada os criados; só eu consegui escapar para te trazer a notícia”.

Estando ainda este a falar, veio outro e disse: “O fogo de DEUS caiu do céu; queimou, consumiu as ovelhas e os escravos. Só eu consegui escapar para te trazer a notícia”.

Ainda este falava, e eis que chegou outro e disse: “Os Caldeus, divididos em três bandos, lançaram-se sobre os camelos e os levaram. Passaram a fio de espada os escravos: só eu consegui escapar para te trazer a notícia”.

Ainda este estava falando, e eis que entrou outro, e disse: “Teus filhos e tuas filhas estavam comendo e bebendo vinho em casa do irmão mais velho, quando um furacão levantou-se de repente do deserto, abalou os quatro cantos da casa a qual desabou sobre os jovens. Morreram todos. Só eu consegui escapar para te trazer a notícia”.

Jó então se levantou, rasgou o seu manto e rapou a cabeça. Depois, caindo prostrado por terra, disse: “Nu, saí do ventre de minha mãe, nu, tornarei para ele. O Senhor deu, o Senhor tirou; bendito seja o nome do Senhor!”.

Em tudo isso, Jó não cometeu nenhum pecado, nem proferiu contra DEUS nenhuma blasfêmia.

Na nossa dificuldade de entender que TODOS os bens materiais nos são emprestados por DEUS, para nossa jornada na matéria, passamos a algumas formas de entendimento: - materialista cego; tudo é para mim! - espiritualista cego; tudo é de DEUS! - Espírita; tudo me foi emprestado por DEUS para o progresso meu e de meus irmãos!

Confirmando a premissa de que Jó se impôs afastar das coisas materiais; vemos que ele não lamenta a perda de vida de seus filhos, filhas e escravos (eles não morreram; Jó é que se afasta deles - valores materiais - leia o início e compare com a do quarto mensageiro), mas ainda permanece junto de Jó a sua mulher.

Ora, um dia em que os filhos de DEUS se apresentaram diante do Senhor, Satanás apareceu também no meio deles na presença do Senhor. O Senhor disse-lhe: “Donde vens tu?” - “Andei dando volta pelo mundo, respondeu Satanás, e percorri-o todo“. O Senhor disse-lhe: “Notaste o meu servo Jó? Não há ninguém igual a ele na Terra, íntegro, reto, temente a DEUS e afastado do mal. Persevera sempre em sua integridade; foi em vão que me incitaste a perdê-lo”. - “Pele por pele! Respondeu Satanás. O humano dá tudo o que tem para salvar a própria vida. Mas, estende a tua mão, toca em seus ossos, em sua carne; juro que te renegará em tua face”. O Senhor disse a Satanás; “Pois bem, ele está debaixo de teu poder, poupa-lhe apenas a vida”.

Satanás retirou-se da presença do Senhor e feriu Jó com uma lepra maligna, desde a planta dos pés até o alto da cabeça.

Se nós admitirmos um “deus” que não só não liga para o que ocorre aos seus “meritórios” filhos; como ainda entrega seu destino à entidade do mal, estaremos cometendo um enorme erro, pois; onde estaria a justiça, o amor, a piedade e tudo o mais de que se reveste o verdadeiro DEUS. Este fato nos coloca exatamente no ponto chave para entendermos os fatos narrados no Livro de Jó, e esse ponto nos remete a uma só conclusão: só é possível o entendimento desse O Livro de Jó através da Doutrina Reencarnacionista, com suas Leis de resgates pela misericórdia Divina. Assim sendo, entendemos que o resgate de Jó era grande, e os daqueles que o cercavam também! Se a passagem até aqui se fixa nos bens “materiais”, agora já adentra para a parte “psíquica material”.

Jó suplanta, até aqui, a perda dos bens materiais. Agora vai resgatar os erros do psiquismo material - a matéria doente vai afetá-lo espiritualmente.

E Jó tomou um caco de telha para se coçar, e assentou-se sobre a cinza. Sua mulher disse-lhe: “Persistes ainda em tua integridade? Amaldiçoa a DEUS e morre!”. - “Falas, respondeu-lhe ele, como uma insensata. Aceitamos a felicidade da mão de DEUS; não devemos também aceitar a infelicidade?”. Em tudo isso, Jó não pecou em palavras.

O resgate a que Jó se submete, dada a condição da época, está condicionado ao fatalismo divino: DEUS tudo dá, DEUS tudo tira! O grande choque vai se processar na continuidade do resgate, pois esta afirmação de fatalidade vai ser questionada.

A forma como Jó coloca a grandiosidade de DEUS deve-se ao desconhecimento dos valores espirituais por Jó, e sua esposa representa uma presença de justiça humana, bem a gosto dos materialistas. Com o livre-arbítrio escolhemos as coisas que nos agradam, no momento, e assim podemos acertar (felicidade) ou errar (infelicidade). Enquanto estes fatos só se referirem à nossa pessoa - nós sentimos -, já quando se refletem, direta ou indiretamente, sobre outras pessoas - nós criamos um débito -, porém nos dois casos iremos resgatar necessariamente os erros e sere-mos creditados dos acertos.

OS TRÊS AMIGOS DE JÓ

Três amigos de Jó, Elifaz de Temã, Baldad de Suas e Sofar de Naamat, tendo ouvido todo o mal que lhe tinha sucedido, vieram cada um de seu país e combinaram juntos exprimirem sua simpatia e suas consolações. Tendo de longe levantado os olhos, não o reconheceram; e puseram-se então a chorar, rasgaram os seus vestidos, e lançaram pó ao céu que recaia sobre suas cabeças. Ficaram sentados no chão ao lado dele sete dias e sete noites, sem que nenhum lhe dirigisse a palavra, tão grande era a dor em que o viam mergulhado.

Percebe-se nitidamente da narrativa que os amigos de Jó, ao se admirarem de seu estado material, não estavam prontos no sentido de confortá-lo espiritualmente, o que seria extremamente importante para Jó nesse momento de grande abalo sobre sua psique material.

QUEIXAS DE JÓ

**Então Jó abriu a boca e amaldiçoou o dia de seu nascimento. Jó falou nestes termos:
Pereça o dia em que nasci e a noite em que foi dito: uma criança masculina foi concebida!
Que esse dia se mude em trevas! Que DEUS, lá do alto, não se incomode com ele; Que a luz não brilhe sobre ele!**

Que trevas e obscuridade se apoderem dele. Que nuvens o envolvam, que eclipses o apavorem, que a sombra o domine, esse dia, que não seja contado entre os dias do ano, nem seja computado entre os meses!

Que seja estéril, essa noite, que nenhum grito de alegria se faça ouvir nela.

Amaldiçoem-na aqueles que amaldiçoaram os dias, aqueles que são hábeis para evocar Leviatã!

Que as Estrelas de sua madrugada se obscureçam, que em vão espere a luz, que não veja se abrirem as pálpebras da aurora, já que não fechou o ventre que me carregou para me poupar a vista do mal!

Por que não morri no seio materno, por que não pereci saindo de suas entranhas!

Por que dois joelhos para me acolherem, por que dois seios para me amamentarem?

Estaria agora deitado e em paz dormiria, e teria o repouso com os reis, árbitros da Terra, que constroem para si mausoléus; com os príncipes que possuíam o ouro, e enchiam de dinheiro as suas casas.

Ou então, como o aborto escondido, eu não teria existido, como as crianças que não viram o dia.

Ali os maus cessam os seus furores, ali, repousam os exaustos de forças, ali, os prisioneiros estão tranquilos, já não mais ouvem a voz do exator.

Ali, juntos, os pequenos e os grandes se encontram, o escravo ali está livre do jugo do seu senhor.

Por que conceder a luz aos infelizes, e a vida àqueles cujo Espírito está desconsolado, que esperam a morte, sem que ela venha, e que a procuram mais ardentemente do que um tesouro, que são felizes até ficarem transportados de alegria, quando encontrarem o sepulcro?

Ao humano cujo caminho é escondido e que DEUS cerca de todos os lados?

Em que lugar do pão tenho os meus suspiros, e os meus gemidos se espalham como a água.

Todos os meus temores se realizam, e aquilo que me dá medo vem atingir-me.

Não tenho paz, nem descanso, nem repouso, só tenho agitação.

(- que amaldiçoam = os mágicos / - Leviatã = monstro que produz eclipses)

Ao nos lançarmos a um resgate em uma passagem encarnatória, ainda no plano espiritual, podemos escolher um resgate muito grande, para o qual não estávamos preparados e neste caso é praticamente certo o fracasso.

Aqui dá para se notar como ficou abalada a psique de Jó: como poderia um temente a DEUS elevar críticas aos desígnios Divinos, a exaltar a morte estática à vida dinâmica e criadora, a preferir um aborto que é a negação à vida do que a uma passagem vivificante na armadura humana, enfim: preferir ficar na escuridão a sair para a luz criadora, esquecendo que esta é de trabalhos, tropeços e progressos, apenas por ter conhecido um grande dissabor. Não há qualquer citação nesta passagem à graça Divina, será que Jó se esqueceu? Realmente Jó estava abalado!

PRIMEIRO DISCURSO DE ELIFAZ

Elifaz de Temã tomou a palavra nestes termos:

Se arriscarmos uma palavra, talvez ficarás aflito, mas quem poderá impedir-me de falar?

Eis: exortaste muita gente, deste força a mãos débeis, tuas palavras levantavam aqueles que caíam, fortificaste os joelhos vacilantes.

Agora que é a tua vez, enfraqueces; quando és atingido, te perturbas.

Não é tua piedade tua esperança, e a integridade de tua vida, tua segurança?

Lembra-te: qual o inocente que pereceu? Ou quando foram destruídos os justos?

Tanto quanto eu saiba, os que praticam a iniquidade e os que semeiam sofrimento, também os colhem.

Ao sopro de DEUS eles perecem, e são aniquilados pelo vento de seu furor.

Urra o leão, e seu rugido é abafado; os dentes dos leõezinhos são quebrados.

A fera morreu porque não tinha presa, e os filhotes da leoa são dispersados.

Uma palavra chegou a mim furtivamente, meu ouvido percebeu o murmúrio, na confusão das visões da noite, na hora em que o sono se apodera dos humanos.

Assaltaram-me o medo e o terror, e sacudiram todos meus ossos; um sopro perpassou pelo meu rosto, e fez arrepiar o pelo de minha pele.

Lá estava um ser - não vi seu rosto - como um espectro sob meus olhos; ouvi uma débil voz:

Ele não confia nem em seus próprios servos, até mesmo em seus anjos encontra defeitos;

“Pode um homem ser justo na presença de DEUS, pode um mortal ser puro diante de seu criador? Quanto mais em seus hóspedes das casas de argila que tem o pó por fundamento! São esmagados como uma traça, entre a noite e a manhã são aniquilados, sem que neles se preste atenção, morrem para sempre. Não foi arrancada a estaca da tenda deles? Morrem por não terem conhecido a sabedoria”.

Chama para ver se te respondem; a qual dos santos te dirigirás?

O arrebatamento mata o insensato, a inveja leva o tolo à morte.

Vi o insensato deitar raiz, e de repente sua morada apodreceu.

Seus filhos são privados de qualquer socorro, são pisados à porta, ninguém os defende.

O faminto come sua colheita, e a leva embora, por detrás da cerca de espinho e os sequiosos engolem seus bens.

Pois o mal não sai do pó, e o sofrimento não brota da terra: é o humano que causa o sofrimento como as faíscas voam no ar.

Por isso, eu roguei a DEUS, apresentarei minha súplica ao Senhor.

Ele fez coisas grandes e insondáveis, maravilhas incalculáveis; Ele espalha a chuva sobre a Terra, e derrama as águas sobre os campos; exalta os humildes, e dá de novo alegria aos que estão de luto; dissipa os projetos dos maus, cujas mãos não podem executar os planos; apanha os jeitosos em suas próprias manhas, e os projetos dos astutos resultam prematuros; em pleno dia encontram as trevas, e andarão às apalpadelas ao meio-dia como se fosse noite.

Salva o fraco da espada da língua deles, e o pobre da mão do poderoso; volta a esperança ao infeliz, e é fechada a boca da iniquidade.

Bem-aventurado o humano a quem DEUS corrige! Não desprezes a lição do Todopoderoso.

Pois ele fere e cuida, se golpeia, sua mão cura.

Seis vezes te salvará da angústia, e na sétima, o mal não te atingirá.

No tempo de fome, te preservará da morte, e no combate, do gume da espada; estarás a coberto do açoite da língua, não terás medo quando vires a ruína, rirás das calamidades e da fome, não temerás as feras selvagens.

Farás um pacto com as pedras do chão, e os animais dos campos estarão em paz contigo.

Dentro de tua tenda conhecerás a paz, visitarás tuas terras, onde nada faltará; verás tua posteridade multiplicar-se, e teus descendentes crescerem como a erva dos campos.

Entrarás maduro no sepulcro, como um feixe de trigo que se recolhe a seu tempo.

Eis o que observamos; é assim; eis o que aprendemos; tira proveito disso.

A colocação inicial de Elifaz é inquestionável; é mais fácil ajudar aos outros e aconselhá-los, do que a si mesmo!

O amigo de Jó se mostra um filósofo, expondo valores Divinos e outros materiais, quando fala de dirigir-se a um santo (Espírito) exprime uma dúvida cruel: a quem se dirigir? É uma clara evidência do desconhecimento dos valores espirituais - e da piedade Divina! -, porém quando afirma que o mal e o sofrimento são causados pelo humano acerta em cheio! Se houvesse conhecimento espiritual ele entenderia facilmente que Jó estava colhendo o que plantara, e sofrendo os resgates de suas passadas vidas na matéria. É que DEUS não imporia aos seus filhos males injustificados, muito pelo contrário: é a graça Divina que nos permite resgatar as nossas faltas passadas e, assim, progredirmos rumo à casa celestial.

O ser que assopra para Elifaz - um Espírito -, coloca uma grande verdade, de ontem e de hoje; pode o humano se dizer justo e puro para DEUS? Só pode tentar, erroneamente, aquele que não conhece os valores espirituais, a escala evolutiva e, principalmente, o estado evolutivo dos encarnados terrestres.

A bem-aventurança e a lição citadas são fatores extraordinários no nosso processo encarnatório, e se referem a situações especiais.

RESPOSTA DE JÓ

Jó tomou a palavra nestes termos:

Ah! Se pudessem pesar minha aflição, e por na balança com ela meu infortúnio!

Esta aqui apareceria mais pesada do que a areia dos mares: eis por que minhas palavras são desvairadas.

As setas do Todo-poderoso estão cravadas em mim, e meu Espírito bebe o veneno delas; os terrores de DEUS me assediam.

Porventura, orneja o asno montês, quando tem erva? Muge o touro junto de sua forragem?

Come-se uma coisa insípida sem sal? Pode alguém saborear aquilo que não tem gosto nenhum?

Meu Espírito recusa-se a tocar nisso, meu coração está desgostoso.

Quem me dera que meu voto se cumpra, e que DEUS realize minha esperança!

Que DEUS consinta em esmagar-me, que deixe suas mãos cortarem meus dias!

Teria pelo menos um consolo, e exultaria em seu impiedoso tormento: por não ter renegado as palavras do Santo.

Pois, que é minha força para que eu espere, qual é meu fim, para me portar com paciência?

Será que eu tenho a fortaleza das pedras, e será de bronze minha carne?

Não encontro nenhum socorro, qualquer esperança de salvação me foi tirada.

Recusar a piedade de um amigo, é abandonar o temor do Todo-poderoso.

Meus irmãos são enganadores como a torrente, como as águas das torrentes que se somem.

Rolam agitadas pelo gelo, empoçam-se com a neve derretida.

No tempo da seca, elas se esgotam, e ao vir o calor, seu leito se seca.

As caravanas se desviam das veredas, penetram no deserto e perecem; as caravanas de Tema espreitavam, os comboios de Sabá contavam com elas; ficaram transtornados nas suas suposições: ao chegarem ao lugar, ficaram confusos.

É assim que falhais em cumprir o que de vós se esperava nesta hora: a vista de meu infortúnio vos aterroriza.

Porventura, disse-vos eu: “Dai-me qualquer coisa, de vossos bens, dai-me presentes, livrai-

me da mão do inimigo, e tirai-me do poder dos violentos?”.

Ensinai-me e eu me calarei, mostrai-me em que falhei.

Como são eficazes as expressões conforme a equidade! Mas em que podereis surpreender-me?

Pretendeis censurar palavras? Palavras desesperadas, leva-as o vento.

Seríeis capazes de por em leilão até mesmo um órfão, de traficar o vosso amigo!

Vamos, peço-vos, olhai para mim, face a face, não mentirei.

Vinde de novo; não sejais injustos, vinde; estou inocente nessa questão.

Haverá iniquidade em minha língua? Meu paladar não sabe discernir o mal?

A vida do humano sobre a Terra é uma luta, seus dias são como os dias de um mercenário.

Como um escravo suspirando pela sombra, e o assalariado que espera seu soldo, assim também eu tive por quinhão meses de sofrimento, e noites de dor me couberam por partilha.

Apenas me deito, digo: “Quando chegará o dia?”. Logo que me levanto: “Quando chegará a noite?”. E até à noite me farto de angústias.

Minha carne se cobre de podridão e de imundícia, minha pele racha e supura.

Meus dias passam mais depressa do que a lançadeira, e se desvanecem sem deixar esperança.

Lembra-te que minha vida nada mais é do que um sopro, que meus olhos não mais verão a felicidade; o olho que me via, não mais me verá, o teu me procurará, e já não existirei.

A nuvem se dissipa e passa: assim, quem desce ao scheol não subirá de novo; não voltará mais à sua casa, sua morada não mais o reconhecerá.

E por isso não segurarei minha língua, falarei na angústia do meu Espírito, queixar-me-ei na tristeza dele: porventura, sou eu o mar ou um monstro marinho, para me teres posto um guarda contra mim?

Se eu disser: “Consolar-me-á o meu leito, e a minha cama me aliviará”, tu me aterrorarás com sonhos, e me horrorizarás com visões.

Preferiria ser estrangulado; antes a morte, do que meus tormentos!

Sucumbo, deixo de viver para sempre; deixai-me; pois meus dias são apenas um sopro.

O que é um homem, para fazerdes tanto caso dele, para te dignares ocupar-te dele, para visitá-lo todas as manhãs, e prová-lo a cada instante?

Quando cessarás de olhar para mim, e deixarás que eu engula minha saliva?

Se pequei, que mal te fiz, ó guarda dos humanos? Por que me tomas por alvo, e me tornei pesado a ti?

Por que não toleras meu pecado, e não apagas a minha culpa?

Eis que vou logo me deitar por terra, tu me procurarás, e já não existirei.

(- scheol = morada dos mortos)

Aqui se desenha de modo inconfundível a visão da vida para os viventes daquela época: só é levado em conta a felicidade e a infelicidade material (curto a felicidade, mas me aterra a demora das desgraças!). Não há qualquer esperança para o após desencarne:... quem desce ao scheol não subirá de novo, a única esperança se centraliza no julgamento Divino (único e final). A crítica de Jó aos seus amigos mostra que ele sabia dos valores mais materialistas destes, e enquadra bem o sentido imediatista com que se olhava a vida (ainda hoje é assim com a maioria de nossos irmãos!).

Com o desconhecimento dos valores da vida espiritual, é natural que se diga; prefiro morrer a sofrer! É um grande erro essa atitude, e que levará o irmão, após o desencarne, a novos resgates reparadores. A vida é o maior presente que DEUS nos oferta, como recusá-la?

Jó atribui a DEUS as suas desgraças, é seu modo de entender!

DISCURSO DE BALDAD

Baldad de Suás tomou a palavra e disse:

**Até quando dirás semelhantes coisas, e as tuas palavras serão como um furacão?
Porventura DEUS fará curvar o que é reto, e o Todo-poderoso subverterá a justiça?**

Se teus filhos o ofenderam, ele os entregou às consequências de suas culpas.

Se recorreres a DEUS, e implorares o Todo-poderoso, se és puro e reto, ele atenderá tua oração e restaurará a morada de tua justiça; teu começo parecerá pouca coisa diante da grandeza do que se seguirá.

Interroga as gerações passadas, e examina com cuidado a experiência dos antepassados; - porque somos uns ignorantes das (coisas) de ontem, nossos dias sobre a Terra passam como a sombra, - eles podem instruir-te, falar-te e de seu coração tirar este discurso: “Pode o papiro crescer fora do brejo, o junco germinar sem água? Verde ainda, sem ser cortado, ele seca antes que as outras ervas; assim acabam todos os que esquecem DEUS, assim perece a esperança do ímpio; sua confiança é como filandras, sua segurança uma teia de aranha. Ele se apoia sobre uma casa que não se sustenta, atem-se a uma morada que não se mantém de pé. Cheio de vigor, ao Sol, faz brotar suas hastes em seu jardim, suas raízes se entrelaçam sobre a pedra, apoia-se entre rochas; mas se é arrancado de seu lugar, este o renega: nunca te vi. Eis onde termina seu destino, e outros germinarão do solo”.

Não; DEUS não rejeita o humano íntegro, nem dá a mão aos malvados.

Ele porá de novo o riso em tua boca, e em teus lábios, gritos de alegria; teus inimigos serão cobertos de vergonha, a tenda dos maus desaparecerá.

Aqui temos um discurso filosófico de profundidade, se dito por um Espírita, e assim entendido, está perfeito em seus conceitos. Porém como está dito, por um irmão imediatista, ele vai perder o seu valor, pois choca-se com a esperança Divina. É a clássica mistura de interpretação reencarnacionista ou não reencarnacionista. É extremamente difícil ao não reencarnacionista separar a justiça da Justiça de DEUS, e por esta razão empacam nas suas justificações dos fatos que nos ocorrem nesta vida, e impõem aos seus seguidores uma cega e, até, estúpida fé num pretenso deus! Pois sem os atributos de DEUS: só poderia ser um deus!

RESPOSTA DE JÓ

Jó tomou a palavra nestes termos:

Sim; bem sei que é assim: como poderia o humano ter razão contra DEUS?

Se quisesse disputar com ele, não lhe responderia uma vez entre mil.

DEUS é sábio em seu coração e poderoso, quem pode afrontá-lo impunemente?

Ele transporta os montes sem que estes percebam, Ele os desmorona em sua cólera.

Ele sacode a Terra em sua base, e suas colunas são abaladas.

Dá uma ordem ao Sol que não se levante, põe um selo nas Estrelas.

Ele sozinho formou a extensão dos céus, e caminha sobre as alturas do mar; Ele criou a Grande Ursa, Órion, as Plêiades, e as câmaras austrais.

Ele fez maravilhas insondáveis, prodígios incalculáveis.

Ele passa despercebido perto de mim, Ele toca levemente em mim sem que eu tenha percebido; quem poderá impedi-lo de arrebatrar uma presa? Quem lhe dirá: “Por que fazes isto?”.

De sua cólera DEUS não volta atrás, diante dele jazem prosternados os auxiliares de Ra-

hab.

Quem sou eu para replicar-lhe, para escolher argumentos contra Ele?

Ainda que eu tivesse razão não me responderia, pediria clemência a meu juiz.

Se eu o chamasse, e Ele me respondesse, não acreditaria que tivesse ouvido a minha voz; Ele que me desfaz como um redemoinho, que multiplica minhas feridas sem manifestar o motivo, que não me deixa tomar fôlego, mas me enche de amarguras.

Se se busca fortaleza, é Ele o forte; se se busca o direito, quem o determinará?

Se eu pretendesse ser justo, minha boca me condenaria, se fosse inocente, ela me declararia perverso.

Inocente! Sim, eu sou; pouco me importa a vida, desprezo a existência.

Pouco importa; é por isso que eu disse que Ele faz perecer o inocente como o ímpio.

Se um flagelo causa de repente a morte, Ele ri-se do desespero dos inocentes.

A Terra está entregue nas mãos dos maus, e Ele cobre com um véu os olhos de seus juízes; se não é Ele quem é pois (que faz isto)?

Os dias de minha vida são mais rápidos do que um corcel, fogem sem terem visto a felicidade, passam como as barcas de junco, como a águia que se precipita sobre a presa.

Se decido esquecer minha queixa, abandonar meu ar triste e voltar a ser alegre, temo por todos os meus tormentos, sabendo que Tu não me absolverás.

Tenho certeza de ser condenado, o que me adianta cansar-me em vão?

Por mais que me lavasse na neve, que limpasse minhas mãos na lixívia, Tu me atirarias na imundície, e as minhas próprias vestes teriam horror de mim.

(DEUS) não é um homem como eu a quem possa responder, com quem eu possa comparecer na justiça; pois que não há entre nós árbitro que ponha sua mão sobre nós dois.

Que (DEUS) retire sua vara de cima de mim, para por um termo a seus medonhos terrores; então lhe falarei sem medo; pois, não é assim comigo.

O meu Espírito tem tédio à vida, dou livre curso a meu lamento, falarei na amargura de meu coração.

“Em lugar de me condenar, direi a DEUS, mostra-me por que razão me trata assim. Encontras prazer em oprimir, em renegar a obra de tuas mãos, em favorecer o plano dos maus? Terás olhos de carne, ou vês as coisas como as veem os humanos? Serão os teus dias como os dias de um mortal, teus anos, como os dos humanos, para que procures a minha culpa e persigas o meu pecado, quando sabes que não sou culpado e que ninguém me pode salvar de tuas mãos? Tuas mãos formaram-me e fizeram-me, mudando de ideia me destruirás! Lembra-te que me formaste como o barro, far-me-ás voltar agora à terra? Não me ordenhaste como leite e coalhaste como queijo? De pele e de carne me revestiste, de ossos e de nervos me teceste, concedeste-me vida e misericórdia; tua providência conservou o meu Espírito. Mas eis o que escondias em teu coração, vejo bem o que meditavas. Se peço, me observas, não me perdoarás o meu pecado; se eu for culpado, ai de mim! Se eu for inocente, não ousarei levantar a cabeça, farto de vergonha e consciente de minha miséria. Esgotado, me caças como um leão. Não cessas de desfraldar contra mim teu estranho poder, redobras contra mim teus assaltos, teu furor cresce contra mim, vigorosas tropas vêm me cercar. Por que me tiraste do ventre? Teria morrido; nenhum olho me teria visto. Teria sido como se nunca tivesse existido, do ventre, me teriam levado ao túmulo”.

Não são bem curtos os dias de minha vida? Que Ele me deixe respirar um instante, antes que eu parta, para não mais voltar, ao tenebroso país das sombras da morte, opaca e sombria região, reino de sombra e de caos, onde a noite faz as vezes da claridade.

(Rahab = monstro do caos)

Jó demonstra claramente o modo de encarar as coisas Divinas e a vida, naquela época, um total desconhecimento dos valores espirituais e um imediatismo sombrio para a vida. Com este modo de entender as coisas Divinas e a vida é natural que “temessem” a DEUS, pois não alcançavam a possibilidade de novas vidas para elevação e resgate. Atribuir a DEUS as desgraças ainda é apli-

cado hoje!

Conhecendo-se os valores espirituais conhecemos um “novo” DEUS, bondoso, amoroso, misericordioso, justo, sem qualquer possibilidade de atos próprios dos humanos e dos Espíritos não evoluídos. Concede-nos novas vidas, encarnações, para resgatarmos os nossos erros e evoluirmos em direção à morada celestial.

DISCURSO DE SOFAR

Então Sofar de Naamat tomou a palavra nestes termos:

Ficará sem resposta o que fala muito, dar-se-á razão ao grande falador?

Tua loquacidade fará calar a gente, zombarás sem que ninguém te repreenda?

Dizes: “Minha opinião é a verdadeira, sou puro a teus olhos”.

Oh! Se DEUS pudesse falar, e abrir seus lábios para te responder, revelar-te os mistérios da sabedoria que são ambíguos para o Espírito, saberias então que DEUS esquece uma parte de tua iniquidade.

Pretendes sondar as profundezas divinas, atingir a perfeição do Todo-poderoso?

Ela é mais alta do que o céu; que farás? Mais profunda que os infernos: como a conhecerás?

É mais longa que a terra, é mais larga que o mar.

Se Ele surge para aprisionar, se Ele apela para a justiça, quem o impedirá?

Pois Ele conhece os malfeitores, descobre a iniquidade sem que ela perceba.

Diante disso, uma cabeça poderia compreender, um asno tornar-se-ia razoável.

Se voltares teu coração para DEUS, e para Ele estenderes os braços, e afastares de tuas mãos o mal, e não abrigares a iniquidade sob a tua tenda, então poderás levantar o teu rosto sem mancha, serás estável, sem mais nenhum temor; esquecerás daí por diante as tuas penas, como águas que passaram, serão apenas uma lembrança; o futuro te será mais brilhante do que o meio-dia, as trevas se mudarão em aurora; terás confiança e ficarás cheio de esperança, olhando em volta de ti, dormirás tranquilo; repousarás sem que ninguém te inquiete, muitos acariciarão o teu rosto, mas os olhos dos maus serão consumidos; para eles, nenhum refúgio, não terão outra esperança senão em seu último suspiro.

Na resposta afirmativa, e positiva, de Sofar podemos encontrar uma grande posição de fé, é normal, dada a época, que esta posição de fé seja quase cega: se esperas em DEUS, tua fé deve ser tal que creias na razão divina para aquilo que não compreendes! Como o entendimento era de uma só passagem material, é claro que esperavam gozar, ou pagar, as benesses divinas, ou a justiça, ainda na Terra. Esta posição é a base de toda a polêmica que se desenrola no livro de Jó.

Na frase; Diante disso... = Até aquele menos culto, ou menos sábio, entende facilmente a DEUS.

RESPOSTA DE JÓ

Jó dirigiu a palavra nestes termos:

Sois mesmo gente muito hábil, e convosco morrerá a sabedoria.

Tenho também o Espírito como o vosso, não vos sou inferior; quem pois ignoraria o que sabeis?

Os amigos escarnecem daquele que invoca DEUS para que Ele lhe responda, e zombam do justo e do inocente.

Vergonha para a infelicidade! É o modo de pensar do infeliz; não tem senão desprezo para aquele cujo pé fraqueja.

As tendas dos bandidos gozam de paz; segurança para aqueles que provocam DEUS, que não tem outro DEUS senão o próprio braço.

Pergunta, pois, aos animais e eles te ensinarão; às aves do céu e elas te instruirão.

Fala (aos répteis) da terra, e eles te responderão, e aos peixes do mar, e eles te darão lições.

Entre todos esses seres quem não sabe que a mão de DEUS fez tudo isso, Ele que tem em mãos a alma de tudo o que vive, e o sopro de vida de todos os humanos?

Não discerne o ouvido as palavras como o paladar discerne o sabor das iguarias?

A sabedoria pertence aos cabelos brancos, a longa vida confere inteligência.

Em (DEUS) residem sabedoria e poder; Ele possui o conselho e a inteligência.

O que Ele destrói não será reconstruído; se aprisionar um humano, ninguém há que o solte. Quando faz as águas pararem, é a seca, se as soltar, submergirão a terra.

Nele, força e prudência, Ele conhece o que engana e o enganado; faz os árbitros andarem descalços, torna os juízes estúpidos; desata a cinta dos reis, e cinge os seus rins com uma corda; faz os sacerdotes andarem descalços, e abate os poderosos; tira a palavra aos mais seguros de si mesmos, e retira a sabedoria dos velhos; derrama o desprezo sobre os nobres, afrouxa a cinta dos fortes; põe a claro o segredo das trevas, e traz à luz a sombra da morte. Torna grandes as nações, e as destrói, multiplica os povos, depois os suprime.

Tira a razão dos chefes do país, e os deixa perdidos num deserto sem pista; andam às apal-padelas na obscuridade, sem luz, tropeçam como um embriagado.

Meus olhos viram todas essas coisas, meus ouvidos as ouviram e as guardaram, aquilo que vós sabeis, eu também o sei, não vos sou inferior em nada.

Mas é com o Todo-poderoso que eu desejaria falar, é com DEUS que eu desejaria discutir.

Pois vós não sois senão impostores, não sois senão médicos que não prestam para nada.

Se pudésseis guardar silêncio, tomar-vos-iam por sábios.

Escutai, pois, minha defesa, atendei aos quesitos que vou anunciar.

Para defender a DEUS, ireis dizer mentiras, será preciso enganardes em seu favor?

Tereis, para com Ele, juízos preconcebidos, e vos arvorais em ser seus advogados?

Seria, porventura, bom que Ele vos examinasse? Iríeis enganá-lo como se engana um hu-mano?

Ele não deixará de vos castigar, se tomardes seu partido ocultamente.

Sua majestade não vos atemorizará? Seus furores não vos esmagarão?

Vossos argumentos são razões de poeira, vossas dilapidações são obra de barro.

Calai-vos! Deixai-me! Quero falar: aconteça depois o que acontecer!

Lacero a minha carne com os meus dentes, ponho minha vida em minha mão.

Se Ele me mata, nada mais tenho a esperar, e assim mesmo defenderei a minha causa dian-te Dele.

Isto já será minha salvação, que o ímpio não seja admitido em sua presença.

Escutai, pois, o meu discurso, dai ouvido às minhas explicações; estou pronto para defen-der minha causa, sei que sou eu quem tem razão.

Se alguém quiser demandar contra mim, no mesmo instante desejarei calar e morrer.

Poupai-me apenas duas coisas! E não me esconderei de tua face: afasta de mim a tua mão, põe um termo ao medo de teus terrores.

Chama por mim, e eu te responderei; ou então, falarei eu, e tu terás a réplica.

Quantas faltas e pecados cometi eu? Dá-me a conhecer minhas faltas e minhas ofensas.

Por que escondes de mim a tua face, e por que me consideras teu inimigo?

Queres, então, assustar uma folha levada pelo vento, ou perseguir uma folha ressequida?

Pois queres ditar contra mim amargas sentenças, e queres que me sejam imputadas as fal-tas de minha mocidade, queres enfiar os meus pés no cepo, espiar todos os meus passos, e gravar as raízes de meus pés?

(E ele se gasta como um pau bichado, como um tecido devorado pela traça).

O humano nascido da mulher vive pouco tempo e é cheio de muitas misérias; é como uma flor que germina e logo fenece, uma sombra que foge sem parar.

E é sobre ele que abres os olhos, e o chamas a juízo contigo.

Quem fará sair o puro do impuro? Ninguém.

Se seus dias estão contados, se em teu poder está o número dos seus meses, e fixado um li-mite que ele não ultrapassará, afasta dele os teus olhos; deixa-o até que acabe seu dia como um trabalhador.

Para uma árvore, há esperança; cortada, pode ainda reverdecer, e os seus ramos brotam.

Quando sua raiz tiver envelhecido na terra, e seu tronco estiver morto no solo, ao contato com a água, tornar-se-á verde de novo, e distenderá ramos como uma jovem planta.

Mas quando o humano morre, fica estendido; o mortal expira; onde está ele?

As águas correm do lago, o rio se esgota e seca; assim o humano se deita para não mais levantar. Durante toda a duração dos céus, ele não despertará; jamais sairá de seu sono.

Se, pelo menos, me escondesses no sheol, ao abrigo, até que tua cólera tivesse passado, se me fixasse um limite em que te lembrasses de mim!

Se um humano uma vez morto pudesse reviver! Todo o tempo de meu combate eu esperaria até que viessem me soerguer, Tu me chamarias e eu te responderia; estenderias a tua destra para a obra de tuas mãos.

Mas agora contas os meus passos, e observas todos os meus pecados; Tu selaste como num saco os meus crimes, puseste um sinal sobre minhas iniquidades.

Mas a montanha acaba por cair, e o rochedo desmorona longe de seu lugar, as águas escavam a pedra, o aluvião leva a terra móvel; assim aniquilas a esperança do humano.

Tu o pões por terra; ele se vai embora para sempre; tu o desfiguras e o mandas embora.

Estejam os seus filhos honrados, Ele os ignora, estejam humilhados, não faz caso.

É somente por ele que sua carne sofre; seu Espírito não se lamenta senão por ele.

Jó não gosta do modo como seus amigos colocam os desígnios de DEUS, e faz pouco caso da “sabedoria” deles. A seguir desfila uma série de colocações que tipificam claramente a sua, e da época, posição frente ao divino: O que DEUS quer fazer faz! A justiça divina não pode ser analisada por Jó e seus amigos, pois todos acreditavam piamente na existência única, não atinando para qualquer possibilidade de trabalhos fora desta existência material. É interessante que este livro de Jó nos faça entender uma coisa da mais alta importância: “A maior sabedoria, no caso o entendimento de Jó do plano divino - espiritual -, com o correr do tempo e do progresso, se transformou em uma coisa banal e, até, ridícula”. Portanto devemos tomar extremo cuidado com a nossa “sabedoria”, pois amanhã ela já poderá ser uma estúpida sabedoria! Para que isto não aconteça é fundamental que estudemos sempre e que nossa mente esteja sempre aberta para novas descobertas e novas discussões!

Os cabelos brancos a que eles se referiam, pessoas de idade, é em função da vida única, pois para os Espíritas a sabedoria estando no Espírito, esta independe da idade do corpo material.

Um espiritualista, como no caso Jó e seus amigos, se desesperam pelos fatos que lhes ocorrem.

Um Espírita estaria calmo e conscientemente consolado. Será que DEUS prefere seus filhos aflitos ou consolados?

SEGUNDO DISCURSO DE ELIFAZ

Elifaz de Temã dirigiu a palavra nestes termos:

Porventura, responde o sábio como se falasse ao vento e enche de ar o seu ventre?
 Defende-se ele com fúteis argumentos, e com palavras que não servem para nada?
 Acabarás destruindo a piedade, reduces a nada o respeito devido a DEUS; pois, é a iniquidade que inspira teus discursos e adotas a linguagem dos impostores.
 É a tua boca que te condena, e não eu; são teus lábios que dão testemunho contra ti mesmo.
 És, porventura, o primeiro homem que nasceu, e foste tu gerado antes das colinas?
 Assististe, porventura, ao conselho de DEUS, ficaste dono sozinho da sabedoria?
 Que sabes tu que nós ignoremos, que aprendeste que nós não saibamos?
 Há entre nós também velhos de cabelos brancos, muito mais avançados em dias do que teu pai.
 Fazes pouco caso das consolações divinas, e das doces palavras que te são dirigidas?
 Por que te deixas levar pelo impulso de teu coração, e o que significa esse teu volver de olhos?
 É contra DEUS que ousas ficar colérico, e que tua boca profere tais discursos!
 Que é o humano para que seja puro, e o filho da mulher, para que seja justo?
 Nem mesmo de seus santos DEUS se fia, e os céus não são puros a seus olhos; quanto mais do ser abominável e corrompido, o humano, que bebe a iniquidade como a água?
 Ouve-me, vou instruir-te: eu te contarei o que vi, aquilo que os sábios ensinam, aquilo que seus pais não lhes ocultaram, (aos quais, somente, foi dada esta terra, e no meio dos quais não tinha penetrado nenhum estrangeiro).
 Em todos os dias de sua vida o mal está angustiado, os anos do opressor são em número restrito, ruídos terrificantes ressoam em seus ouvidos, no seio da paz, um destruidor cai sobre ele.
 Ele não espera escapar das trevas, está destinado ao gume da espada.
 Anda às tontas à procura de seu pão, sabe que o dia das trevas está a seu lado.
 A tribulação e a angústia caem sobre ele como um rei marchando para o combate, porque levantou a mão contra DEUS, e porque desafiou o Todo-poderoso, correndo contra Ele com a cabeça levantada, sob o dorso espesso de seus escudos; porque cobriu de gordura o seu rosto, e deixou a gordura ajuntar-se sobre seus rins, habitando em cidades desoladas, em casas que foram abandonadas, destinadas a se tornarem montões de pedras; não se enriquecerá, nem os seus bens resistirão, não mais estenderá sua sombra sobre a terra, não escapará às trevas; o fogo queimará seus ramos, e sua flor será levada pelo vento.
 (Que não se fie na mentira, ficará prisioneiro dela; a mentira será a sua recompensa).
 Suas ramagens secarão antes da hora, seus sarmentos não ficarão verdes; como a vinha, sacudirá seus frutos verdes, como a oliveira, deixará cair a sua flor.
 Pois, a raça dos ímpios é estéril, e o fogo devora as tendas do humano venal.
 Quem concebe o mal faz nascer a infelicidade: é o engano que amadurece em seu seio.

Ligado ao conceito de vida única, aqui temos também o da vingança de DEUS contra os que saem do bom caminho: sua posteridade (seus descendentes) receberá os castigos! É até interessante, e desolador, vermos que estes nossos irmãos não verem outra forma de DEUS castigar os que erraram, ainda isto é em razão da vida única: se só há uma vida e ela se extingue na morte, como DEUS se vingará de um morto, por isso Ele se vingava nos filhos, netos, irmãos etc.! Como vemos, a sabedoria deles não poupava a justiça de DEUS de um bom julgamento humano, e sendo “tão” sabidos não desconfiavam que estavam fazendo injusta a justiça de DEUS!
 É incrível que seja citada a desconfiança de DEUS em seus “santos”, e que os céus não sejam puros! (Mas os Espíritas entendem muito bem as razões dessa citação!)

RESPOSTA DE JÓ

Jó respondeu então nestes termos:

Já ouvi muitas vezes discursos semelhantes, sois todos uns consoladores importunos.

Quando terão fim essas palavras atiradas ao ar? Que é que te excitava a falar?

Eu também podia falar como vós se estivésseis em meu lugar. Arranjaria discursos a vosso respeito, e sacudiria a cabeça sobre vós; eu vos escorajaria verbalmente, e moveria os meus lábios sem nenhuma avareza.

Se falo, nem por isso se aplaca a minha dor; se calo, estará ela consolada?

Mas DEUS me extenuou; estou aniquilado, toda a sua tropa me pegou.

Minha magreza tornou-se testemunho contra mim, ela depõe contra mim.

Sua cólera me fere e me persegue, Ele range os dentes contra mim. Meus inimigos dardejaram os olhos sobre mim, abrem a boca para me devorar; batem-me na face para me ultrajar, rebelam-se todos contra mim.

DEUS me entrega aos perversos, joga-me nas mãos dos malvados.

Eu estava em paz, Ele ma tirou, segurou-me pela nuca e me pôs em pedaços. Tomou-me como alvo, Suas setas voam em volta de mim. Ele rasga meus rins sem piedade, espalha meu fel sobre a terra.

Abre em mim brecha sobre brecha, cai sobre mim como um guerreiro.

Cosi um saco sobre minha pele, rolei minha frente no pó.

Meu rosto está vermelho de lágrimas, a sombra da morte estende-se sobre minhas pálpebras.

Entretanto, não há violência em minhas mãos e minha oração é pura.

Ó terra, não cubras o meu sangue, e que meu grito se eleve sem obstáculo.

Tenho desde já uma testemunha no céu, um defensor nas alturas.

Minha oração subiu até DEUS, meus olhos choram diante dele.

Que Ele mesmo julgue entre o humano e DEUS, entre o humano e seu semelhante!

Pois, meus anos contados se esgotam, entro numa vereda por onde não passarei de novo.

O sopro de minha vida vai-se consumindo, os meus dias se apagam, só me resta o sepulcro.

Estou cercado por zombadores, meu olho vela por causa de seus ultrajes. E quem ousaria bater em minha mão? Sê tu mesmo minha caução junto de ti. Pois, fechaste o seu coração à inteligência, por isso, não os deixará triunfar.

Há quem convide seus amigos à partilha, quando desfalecem os olhos de seus filhos.

Ele me reduziu a ser a fábula dos povos, e me cospem no rosto.

Meus olhos estão atingidos pela tristeza, todo o meu corpo não é mais do que uma sombra.

As pessoas retas estão estupefatas, e o inocente se irrita contra o ímpio; o justo, entretanto, persistirá no seu caminho, o humano de mãos puras redobra de coragem.

Mas, vós todos, voltai, vinde pois, não acharei entre vós nenhum sábio?

Meus dias se esgotam, meus projetos estão aniquilados, os projetos de meu coração estão reduzidos a nada.

Fazem da noite o dia, a luz da manhã não é para mim senão trevas.

Deverei esperar? O sheol é a minha morada, preparo meu leito no local tenebroso.

Disse ao sepulcro: “És meu pai” e aos vermes: “Vós sois minha mãe e minha irmã”.

Onde está, pois, minha esperança? E minha felicidade, quem a entrevê?

Descerão elas comigo ao sheol, e nos afundaremos juntos na terra?

A esperança de Jó é grande, mas ele não a quer para depois, quer já! Esta é a razão dele desprezar a consolação colocada por seus amigos e de fazer pouco caso da sabedoria deles. A visão imediatista e única, da existência, abala a sua esperança em DEUS, e sua compreensão das coisas

divinas oscila entre a fé cega e o descrédito: na sua fé coloca que não pecou e no seu descrédito crê que terminará, sem resposta divina, no scheol. O seu desespero só não é maior que sua disciplina, mas ambos estão presos a conceitos imediatistas de existência, portanto sem solução para o seu, e todo, caso existencial!

SEGUNDO DISCURSO DE BALDAD

Baldad de Suás falou então nestes termos:

Quando acabarás de falar, e terás a sabedoria de nos deixar dizer?

Por que nos consideras como animais, e por que passamos por estúpidos a teus olhos?

Tu, que te rasgas em teu furor, é preciso que por tua causa a terra seja abandonada, e que os rochedos mudem de lugar?

Sim, a luz do mau se apagará, e a flama de seu fogo cessará de alumiar.

A luz obscurece em sua tenda, e a sua lâmpada sobre ele se apagará; seus passos firmes serão cortados, seus próprios desígnios o farão vacilar.

Seus pés se prendem numa rede, e ele anda sobre malhas.

A armadilha o segura pelo calcanhar, um laço aperta-se sobre ele.

Uma corda se esconde sobre a terra para pegá-lo, uma armadilha, ao longo da vereda.

De todas as partes o amedrontam temores, e perseguem-no passo a passo.

A calamidade está esfomeada por ele, a infelicidade está postada a seu lado.

A pele de seu corpo é devorada, o filho mais velho da morte devora seus membros; é arrancado da tenda, onde se sentia seguro, levam-no à rainha dos terrores.

Lilith estabelece-se em sua tenda, o enxofre é espalhado em seu domínio.

Por baixo as suas raízes se secam, e por cima seus ramos definham.

Sua memória apaga-se do país, nada mais lembra o seu nome na região.

É arrojado da luz para as trevas, é desterrado do mundo.

Não tem descendente nem posteridade na tribo, nem algum sobrevivente na sua terra.

O Ocidente está estupefato com sua sorte, o Oriente treme diante dela.

Eis o que acontece com as tendas dos ímpios, os lugares habitados pelo humano que não conhece DEUS.

(Lilith = demônio da destruição)

A consolação colocada pelos amigos de Jó agora se situa no campo imediatista e narra, sem fundamento, a desgraça que atinge os maus, a vingança de DEUS contra os que se desviam de suas veredas, e essa vingança atingindo seus descendentes, seu povo, sua terra e tudo mais!

RESPOSTA DE JÓ

Jó respondeu então nestes termos:

Até quando afligireis o meu Espírito, e me atormentareis com vossos discursos?

Eis que já por dez vezes me ultrajais, e não vos envergonhais de me insultar.

Mesmo que eu tivesse verdadeiramente pecado, minha culpa só diz respeito a mim mesmo.

Se quiserdes vos levantar contra mim, e convencer-me de ignomínia, entenderei que foi DEUS que me afligiu e me cercou com suas redes.

Clamo contra a violência, e ninguém me responde, levanto a minha voz, e não há quem me faça justiça.

Fechou o meu caminho para que eu não possa passar, espalha trevas pela minha estrada, despojou-me de minha glória, tirou-me a coroa da cabeça.

Demoliu-me por inteiro, e pereço, desenraizou minha esperança como uma árvore, acendeu a sua cólera contra mim, tratou-me como um inimigo.

Suas milícias se concentraram, construíram aterros para me assaltarem, acamparam em volta de minha tenda.

Meus irmãos foram para longe de mim, meus amigos de mim se afastaram.

Meus parentes e meus íntimos desapareceram, os hóspedes de minha casa esqueceram-se de mim.

Minhas servas olham-me como um estranho, sou um desconhecido para elas.

Chamo meu escravo, ele não responde, preciso suplicá-lo com a boca.

Minha mulher tem horror de meu hálito, vivo à custa de meus filhos.

Até os moleques caçoam de mim: quando me levanto, troçam de mim.

Meus íntimos me execram, aqueles que eu amava, voltam-se contra mim.

Meus ossos estão colados à minha pele, à minha carne, e eu fujo com a pele de meus dentes.

Compadecei-vos de mim, compadecei-vos de mim, ao menos vós que sois meus amigos, pois, a mão de DEUS me feriu.

Por que me perseguis como DEUS, e vos mostrais insaciáveis de minha carne?

Ó se minhas palavras pudessem ser escritas, consignadas num livro, gravadas por estilete de ferro numa lâmina de chumbo, esculpidas para sempre numa rocha!

Eu o sei: meu vingador está vivo, e aparecerá, finalmente, sobre a Terra, por detrás de minha pele, com a qual isto será cercado, na minha própria carne, verei DEUS.

Eu mesmo o contemplarei, meus olhos o verão, e não os olhos de outro; meus rins se consomem dentro de mim.

Pois, se dizes: “Por que o perseguimos, e como encontraremos nele uma razão para condená-lo?”.

Temei o gume da espada, pois a cólera de DEUS persegue os maus, e sabereis que há uma justiça.

Aqui Jó revela a existência, ainda vivos, de seus filhos, demonstrando que realmente eles não haviam morrido. Jó crê na sua inocência, de acordo com os preceitos da sua fé judaica - mosaísmo -, e que DEUS nada encontrará de mau nele, embora diga que uma legião de cobradores divinos (?) está a sua espreita, e que quem deve ficar preocupado são aqueles que ofendem, ou ofenderam, a DEUS - de acordo com seus preceitos -.

SEGUNDO DISCURSO DE SOFAR

Sofar de Naamat falou assim:

É por isso que meus pensamentos me sugerem uma resposta, e estou impaciente por falar. Ouvei queixas injuriosas, foram palavras no ar que responderam a meu Espírito. Não sabes bem que, em todos os tempos, desde que o humano foi posto sobre a Terra, o triunfo dos maus é breve, e a alegria do ímpio dura só um instante? Ainda mesmo que sua altura chegasse até ao céu e sua cabeça tocasse a nuvem, como seu esterco, ele perece para sempre, e aqueles que o viam, indagam onde ele está. Como um sonho, ele voa, ninguém mais o encontra, desaparece como uma visão noturna. O olho que o viu, já não mais o vê, nem o verá mais a sua morada. Seus filhos ampararão os pobres, suas mãos restituirão suas riquezas. Seus ossos estavam cheios de vigor juvenil, sua mocidade deita-se com ele no pó. Se o mal foi doce à sua boca, se ele o ocultou sob a língua, se o reteve sem abandoná-lo, se o saboreou sob seu paladar, este alimento se transformará em suas entranhas, e se converterá interiormente em fel de áspides. Vomitará as riquezas que engoliu; DEUS as fará sair de seu ventre. Sugava o veneno de áspides, a língua da víbora o matará. Não verá correr os riachos de óleo, as torrentes de mel e de leite. Vomitará seu ganho, sem poder engoli-lo, não gozará o fruto de seu tráfico. Porque maltratou, desamparou os pobres, roubou uma casa que não tinha construído, porque sua avidez é insaciável, não salvará o que lhe era mais caro. Nada escapava à sua voracidade, é por isso que sua felicidade não há de durar. Em plena abundância, sentira a escassez, todos os golpes da infelicidade recaem sobre ele. Eis aí para encher-lhe o ventre: (DEUS) desencadeia sobre ele o fogo de sua cólera fará chover a dor sobre ele. Se fugir diante da arma de ferro, o arco de bronze o transpassa, um dardo sai de suas costas, um aço fulgurante sai de seu fígado. O terror desaba sobre ele, e ser-lhe-ão reservadas as trevas. Um fogo, que o humano não acendeu, o devora e consome o que sobra em sua tenda. Os cães revelam seu crime, a terra levanta-se contra ele, uma torrente joga-se contra sua casa, que é levada no dia da cólera divina. Tal é a sorte que DEUS reserva ao mau, e a herança que DEUS lhe destina.

Voltamos a apresentação das vinganças de DEUS. É claro que DEUS deve ser vingativo, pois se ele não se vingar no mau, este prosperará e deixará para sua posteridade os bens roubados. O estranho nessas considerações é que eles não disseram como DEUS se vingará de um morto, pois nada existia após a morte no entendimento deles?

RESPOSTA DE JÓ

Jó tomou então a palavra nestes termos:

Ouvi, ouvi minhas palavras, que eu tenha pelo menos este consolo de vossa parte. Permiti que eu fale; quando tiver falado, zombai à vontade. É de um humano que me queixo? E como não hei de perder a paciência? Olhai para mim; ireis ficar estupefatos, e poreis a mão sobre a boca. Quando penso nisso, fico estarrecido, e todo meu corpo treme. Como é que os maus vivem, envelhecem, e cresce o seu vigor?

Sua posteridade prospera diante deles, e seus descendentes (crescem) sob seus olhos; sua casa é tranquila, sem alarmes, a vara de DEUS não os atinge.
 Seu touro é cada vez mais fecundo, sua vaca dá cria sem nunca abortar.
 Deixam os filhos correrem como carneiros, e os seus pequenos saltam e brincam.
 Cantam ao som do pandeiro e da cítara, divertem-se ao som da flauta.
 Passam seus dias de alegria, e descem tranquilamente ao Scheol.
 Ora, dizem a DEUS: “Afasta-te de nós, não queremos conhecer os teus caminhos; quem é o Todo-poderoso para que o sirvamos? Que vantagem temos em lhe fazer orações?”
 A felicidade deles não está em suas mãos? Contudo, longe de mim esteja o modo de pensar dos ímpios!
 Quantas vezes vemos apagar-se a lâmpada dos ímpios, e a ruína desabar sobre eles?
 Serão eles como a palha ao sopro do vento, como a cinza tragada pelo turbilhão?
 “DEUS, (assim dizem), reserva para os filhos o castigo do pai”. Que Ele mesmo o puna, para que Ele mesmo o sinta!
 Que veja com os próprios olhos a sua ruína, e ele mesmo beba a cólera do Todo-poderoso!
 Que se lhe dá do que será feito de sua casa depois dele, quando o número de seus meses está contado?
 A DEUS é que se irá ensinar a sabedoria, a ele, que julga os seres superiores?
 Um morre no seio da prosperidade, plenamente feliz e tranquilo, os flancos cobertos de gordura, e a medula de ossos cheia de seiva; o outro morre com a amargura no Espírito, sem ter gozado a felicidade; juntos se deitam na terra, e os vermes recobrem a ambos.
 Ah! Eu conheço vossos pensamentos, os julgamentos iníquos que fazem de mim.
 Dizeis: “Onde está a casa do tirano, onde é a tenda em que habitavam os ímpios?”
 Não interrogastes os viajantes? Contestaríeis seus testemunhos?
 No dia da infelicidade o ímpio é poupado, no dia da cólera ele escapa.
 Quem reprova diante dele o seu proceder, e lhe pede conta de seus atos?
 Levam-no ao sepulcro, ficarão de vigília em sua câmara funerária.
 Os torrões do vale são-lhe leves; todos os humanos irão em sua companhia, e foram inumeráveis os seus predecessores.
 Que significam, pois, essas vãs consolações? Todas as vossas respostas são apenas perfídia.

Jó gostaria que os maus bebessem o fel que derramaram, ainda em vida, para sentirem o mal que fizeram. Esta é mais uma consequência do sentido imediatista, e de vida única, ao qual Jó estava preso.

Como é difícil, mesmo para Jó que era temente a DEUS e bom, entender a justiça divina. Estando presos a valores que se firmavam sobre uma só existência, não conseguiam ver a justiça de DEUS. Esta passagem nos alerta para as nossas responsabilidades individuais, não podemos crer em qualquer coisa só porque não temos o entendimento. Ao adotarmos uma filosofia de vida, seja ela religiosa ou não, somos inteiramente responsáveis pelos atos, não podendo usar como desculpa o fato de termos acreditado em outros, portanto sejamos sábios, como DEUS quer que sejamos, e assumamos as nossas responsabilidades pelos nossos atos.

TERCEIRO DISCURSO DE ELIFAZ

Elifaz de Temã discursou então nestes termos:

Pode o humano ser útil a DEUS? O sábio só é útil a si mesmo.

De que serve ao Todo-poderoso que tu sejas justo, tem Ele interesse que teu proceder seja íntegro?

É por causa de tua piedade que Ele te pune, e entra contigo em juízo?

Não é enorme a tua malícia, e inumeráveis as tuas iniquidades?

Sem causa tiraste os penhores a teus irmãos, despojaste de suas vestes os miseráveis; não davas água ao sedento, recusavas a mão ao esfomeado.

A terra era do mais forte, e o desprotegido é que nela se estabelecia.

Despedias as viúvas com as mãos vazias, quebravas os braços dos órfãos.

Eis por que estás cercado de laços, e os terrores súbitos te amedrontam.

A luz obscureceu-se; já não vês nada; e o dilúvio de águas te engole.

Não está DEUS na altura dos céus? Vê a cabeça das Estrelas como está alta!

E dizes: “Que sabe DEUS? Pode Ele julgar através da nuvem opaca? As nuvens formam um véu que o impede de ver; Ele passeia pelo círculo do céu”.

Segue, pois, os velhos erros por onde andavam os humanos iníquos que foram arrebatados antes do tempo, e cujos fundamentos foram arrastados com as águas; que diziam a DEUS “Retira-te de nós, que poderia fazer-nos o Todo-poderoso?”.

Foi Ele, entretanto, que cumulou de bens as suas casas; longe de mim os conselhos dos maus!

Vendo-os, os justos se alegram, e o inocente zomba deles; “Nossos inimigos estão aniquilados, o fogo devorou suas riquezas!”.

Reconcilia-te, pois, com (DEUS) e faz as pazes com Ele, é assim que te será de novo dada a felicidade; aceita a instrução de sua boca, e põe suas palavras em teu coração.

Se voltares humildemente ao Todo-poderoso, se afastares a iniquidade de tua tenda, se atirares as barras de ouro ao pó, e o ouro de Ofir entre os pedregulhos da torrente, o Todo-poderoso será teu ouro, e um monte de prata para ti.

Então, farás do Todo-poderoso as tuas delícias, e levantarás teu rosto a DEUS.

Tu lhe rogaste, e Ele te ouvirá, e cumprirás os teus votos: formarás os teus projetos, e terão feliz êxito, e a luz brilhará em tuas veredas.

Pois DEUS abaixa o altivo e orgulhoso, mas socorre aquele que abaixa os olhos.

Salva o inocente que é salvo pela pureza das suas mãos.

É difícil ao humano, mesmo sábio, daquela época justificar a justiça de DEUS, ele precisa de exemplos imediatos - o mau rico é punido -, porém esse tipo de exemplo é logo destruído pelos da própria vida, pois os maus raramente são punidos nesta vida. Por excesso tinham que os filhos pagariam pelos erros dos pais, e também esta premissa era destruída pela vida. A sabedoria deles não conseguia atingir a valores além dos desta vida material e imediatista.

RESPOSTA DE JÓ

Respondendo, Jó disse:

Sim, hoje minha queixa é uma revolta; sua mão pesa sobre meus suspiros.

Ah! Se pudesse encontrá-lo, e chegar até o seu trono!

Exporia diante Dele minha causa, encheria minha boca de argumentos, saberia o que Ele iria responder-me, e veria o que Ele teria para dizer-me.

Oporia Ele contra mim a sua onipotência? Bastaria que lançasse os olhos em mim; seria então um justo a discutir com Ele, e eu iria embora definitivamente absolvido pelo meu juiz.

Mas se eu for ao oriente, lá Ele não está, ao ocidente, não O encontrarei; se o procuro ao norte, não O vejo, se volto-me para o sul, não O descubro.

Mas Ele conhece o meu caminho; e se me pôs à prova, dela sairei puro como o ouro.

Meu pé seguiu os Seus traços, guardei o Seu caminho sem me desviar.

Não me afastei dos preceitos de Seus lábios, guardei no meu íntimo as palavras de Sua boca.

Mas Ele tomou partido, quem O fará voltar atrás? Ele faz o que bem lhe agrada.

Realizará Seu desígnio a meu respeito, e tem muitos projetos iguais a este.

Eis porque Sua presença me atemoriza, basta o Seu pensamento para me fazer tremer.

DEUS fundiu o meu coração, o Todo-poderoso me enche de terror.

Sucumbo diante das trevas, e a obscuridade cobriu o meu rosto.

Por que não reserva tempos para si o Todo-poderoso? E por que ignoram os seus dias os que lhe são fiéis?

Os maus mudam as divisas das terras, e fazem pastar o rebanho por eles roubado.

Empurram diante deles o jumento dos órfãos, e tomam em penhor o boi da viúva.

Afastam os pobres do caminho, todos os miseráveis da região precisam se esconder.

Como os asnos no deserto, saem para o trabalho, à procura do que comer, à procura do pão para seus filhos.

Ceifam a forragem num campo, vindimam a vinha do ímpio.

Passam a noite nus, sem roupa, sem cobertor contra o frio.

São banhados pelas chuvas da montanha, sem abrigos, se refugiam sob os rochedos.

Arrancam o órfão do seio materno, tomam em penhor as crianças do pobre.

Andam nus, despidos, esfomeados, carregam feixes.

Espremem o óleo nos celeiros, pisam a uva nos lagares, morrendo de sede.

Sobe da cidade o estertor dos moribundos, a alma dos feridos grita, DEUS não ouve suas súplicas.

Outros são rebeldes à luz, não conhecem os Seus caminhos, não habitam em Suas veredas.

O homicida levanta-se quando cai o dia, para matar o pobre e o indigente, o ladrão vagueia durante a noite.

O adúltero espia o crepúsculo, “Ninguém me verá”, diz ele, e põe um véu sobre o rosto.

Nas trevas, forçam as casas; escondem-se durante o dia, não conhecem a luz.

Para eles, com efeito, a manhã é uma sombra espessa, estão acostumados aos terrores da noite.

Corre rápido à superfície das águas, a sua herança é maldita sobre a Terra, já não tomam mais o caminho das vinhas.

Como a seca e o calor absorvem a água das neves, assim o Scheol engole os pecadores.

O ventre que o gerou, esquece-o, os vermes fazem dele as suas delícias, ninguém mais se lembra dele.

A iniquidade é quebrada como uma árvore. Maltratava a mulher estéril que não dá filhos, não fazia bem à viúva, punha a sua força a serviço dos poderosos; levanta-se e já não pode mais contar com a vida.

Ele lhes dá segurança e apoio, mas seus olhos vigiam seus caminhos.

Levantam-se, subitamente já não existem; caem, como os outros são arrebatados, são ceifados, como cabeças de espigas.

Se assim não é, quem me desmentirá, quem reduzirá a nada as minhas palavras?

Jó acredita piamente que é um justo e que merece a clemência de DEUS, porém, a seguir, destaca que se DEUS tomou partido contra ele, ou outro, nada mais se poderá fazer, e aí se desmorona toda sua filosofia a respeito dos valores usados na justiça divina. O fato de só crerem nesta vida

única conduz certamente a cruéis dúvidas quanto a real justiça divina. O fato de dizer que o mau se acaba na mesma cova pode ser consolador, mas nada esclarece quanto ao destino dos Espíritos, é certo que eles nem criam nisto! Porém, apesar de tudo, Já quer passar na prova que DEUS lhe impôs - de acordo com seu entendimento -.

TERCEIRO DISCURSO DE BALDAD

Baldad de Suás tomou então a palavra nestes termos:

**A Ele, o poder e a majestade, em Sua alta morada faz reinar a paz.
Podem ser contadas as suas legiões? Sobre quem é que não se levanta a sua luz?
Como seria justo o humano diante de DEUS, como seria puro o filho da mulher?
Até mesmo a luz não brilha, e as Estrelas não são puras a Seus olhos.
Quanto mais o humano, esse verme, e o filho do humano, esse vermezinho.**

É corretíssima a posição de Baldad; se não podemos entender, na nossa pequenez, à potestade divina, é necessário que acreditemos que é justíssima em todos os sentidos. Como um humano, por melhor que seja, pode se crer já puro e pronto para DEUS? O desconhecimento das coisas divinas, e não usando a sabedoria, leva Jó a praticar algo como egoísmo, ou vaidade, ou prepotência, e sabemos que ele não pode alegar ignorância, pois DEUS lhe deu sabedoria para ser bem usada!

RESPOSTA DE JÓ

Jó então respondeu assim:

**Como sabes sustentar bem o fraco, e socorrer um braço sem vigor!
Como sabes aconselhar o ignorante, e dar mostras de uma abundância de sabedoria!
A quem diriges este discurso, sob a inspiração de quem é que falas?
As sombras agitam-se em baixo (da terra), as águas e seus habitantes (estão temerosos).
O sheol está aberto diante dele, os infernos não têm véu.
Estende o setentrião sobre o vácuo, suspende a Terra acima do nada.
Prende as águas em suas nuvens, e as nuvens não se rasgam sob seu peso.
Vela a face da Lua, estendendo sobre ela uma nuvem.
Traçou um círculo à superfície das águas, onde a luz confina com as trevas.
As colunas do céu estremecem e assustam-se ao seu aceno.
Com seu poder levanta o mar, com sua sabedoria destruiu Rahab.
Seu Espírito varreu os céus, e sua mão feriu a serpente fugitiva.
Eis que tudo isso não é senão o perfil de Suas obras, e se apenas percebemos um fraco eco dessas obras, quem compreenderá o trovão de seu poder?**

Jó continuou seu discurso nestes termos:

Pela vida de DEUS que me recusa justiça, pela vida do Todo-poderoso que enche minha alma de amargura, enquanto em mim houver alento, e o sopro de DEUS passar pelas minhas narinas, meus lábios nada pronunciarão de perverso, e minha língua não proferirá mentira.

Longe de mim vos dar razão! Até ao último suspiro defenderei a minha inocência, mantenho minha justificação, não a abandonarei; minha consciência não acusa nenhum de meus dias.

Que meu inimigo seja tratado como culpado, e meu adversário como mentiroso!

Que pode esperar o ímpio de sua oração, quando eleva para DEUS o seu Espírito?

DEUS escutará o seu clamor quando a angústia recair sobre ele?

Encontra ele suas delícias no Todo-poderoso, invoca ele DEUS todo o tempo?

Eu vos ensinarei o proceder de DEUS, não vos ocultarei os desígnios do Todo-poderoso.

Mas todos vós já o sabeis; e por que proferis inutilmente palavras vãs?

Eis a sorte que DEUS reserva aos maus, e a parte reservada ao violento pelo Todo-poderoso.

Se os seus filhos se multiplicam, é para a espada, e seus descendentes não terão o que comer.

Seus sobreviventes serão sepultados na morte, e suas viúvas não os chorarão.

Se amontoar prata como poeira, se ajuntar vestimentas como argila, ele amontoa, mas é o justo quem os vestirá, é um humano honesto quem herda a prata.

Constrói sua casa como a casa da aranha, como a choupana levantada pelo guarda.

Deita-se rico; é pela última vez. Quando abre os olhos já deixou de o ser.

O terror o invade como um dilúvio, um redemoinho o arrebatava durante a noite.

O vento de leste o levanta e o faz desaparecer. Varre-o de seu lugar.

Precipitam-se sobre ele sem o poupar, é arrastado numa fuga desvairada.

A sua ruína é aplaudida, de sua própria casa assobiarão sobre ele.

Há lugares de onde se tira a prata, lugares onde o ouro é apurado; o ferro é extraído do solo, o cobre é dado por uma pedra derretida.

Foi posto um fim às trevas, escavaram-se as últimas profundidades da rocha obscura e sombria.

Longe dos lugares habitados, (o mineiro) abre galerias que são ignoradas pelos pés dos transeuntes; suspenso, vacila longe dos humanos.

A terra, que produz o pão, é sacudida em suas entranhas como se fosse pelo fogo.

As rochas encerram a safira, assim como o pó do ouro.

A águia não conhece a vereda, o olho do abutre não a viu; os altivos animais não a pisaram, o leão não passou por ela.

O humano põe a mão no sílex, derruba as montanhas pela base; fura galerias nos rochedos, o olho pode ver neles todos os tesouros.

Explora as nascentes dos rios, e põe a descoberto o que estava escondido.

Mas a sabedoria, de onde sai ela? Onde o jazigo da inteligência?

O humano ignora o caminho dela, ninguém a encontra na terra dos vivos.

O abismo diz: “Ela não está em mim”. “Não está comigo” diz o mar.

Não pode ser adquirida com ouro maciço, não pode ser comprada a peso de prata.

Não pode ser posta em balança com o ouro de Ofir, com o ônix ou a safira.

Não pode ser comparada nem ao ouro nem ao vidro, ninguém a troca por vaso de ouro fino.

Quanto ao coral e ao cristal, nem se fala, a sabedoria vale mais do que as pérolas.

Não pode ser igualada ao topázio da Etiópia, não pode ser equiparada ao mais puro ouro.

De onde vem pois, a sabedoria? Onde está o jazigo da inteligência?

Um véu a oculta a todos os viventes, até às aves do céu ela se esconde.

Dizem o inferno e a morte: “Apenas ouvimos falar dela”.

Deus conhece o caminho para encontrá-la, é Ele quem sabe a sua residência, porque Ele vê até os confins da Terra, e enxerga tudo o que há debaixo do céu.

Quando Ele se ocupava em pesar os ventos, e em regular a medida das águas, quando Ele fixava as leis da chuva, e traçava uma rota aos relâmpagos, então Ele a viu e a descreveu, penetrou-a e escrutou-a, depois disse ao humano: “O temor do Senhor, eis a sabedoria, fugir do mal, eis a inteligência”.

Jó continuou seu discurso nestes termos:

Quem me tornará tal como antes, nos dias em que DEUS me protegia, quando a sua lâmpada luzia sobre a minha cabeça, e a sua luz me guiava nas trevas?

Tal como eu era nos dias de meu outono, quando DEUS velava como um amigo sobre minha tenda, quando o Todo-poderoso estava ainda comigo, e os meus filhos em volta de mim; quando os meus pés se banhavam no creme, e o rochedo em mim derramava ondas de óleo; quando eu saía para ir à porta da cidade, e me assentava na praça pública?

Viam-me os jovens e se escondiam, os velhos levantavam-se e ficavam de pé; os chefes interrompiam suas conversas, e punham a mão sobre a boca; calava-se a voz dos príncipes, a língua colava-se-lhes ao céu da boca.

Quem me ouvia felicitava-me, quem me via de mim dava testemunho.

Livrava o pobre que pedia socorro, e o órfão que não tinha apoio.

A bênção do que estava em perdição vinha sobre mim, e eu punha alegria no coração da viúva.

Revestia-me de justiça, e a equidade era para mim como uma roupa e um turbante.

Era os olhos do cego e os pés daquele que manca; era um pai para os pobres, examinava a fundo a causa dos desconhecidos.

Quebrava o queixo do perverso, arrancando-lhe a presa de entre os dentes.

Eu dizia: “Morrerei em meu ninho, meus dias serão tão numerosos quanto os da fênix”.

Minha raiz atinge as águas, o orvalho descansará sobre meus ramos.

Minha glória será sempre jovem, e meu arco sempre forte em minha mão.

Escutavam-me, esperavam, recolhiam em silêncio o meu conselho; quando acabava de falar, não acrescentavam nada, minhas palavras eram recebidas como orvalho.

Esperavam-me como a chuva e abriam a boca como se fosse para as águas da primavera.

Sorria para aqueles que perdiam coragem, diante de meu ar benevolente, deixavam de estar abatidos.

Quando eu ia ter com eles, tinha o primeiro lugar, era importante como um rei no meio de suas tropas, como o consolador dos aflitos.

Agora zombam de mim os mais jovens do que eu, aqueles cujos pais eu desdenharia de colocar com os cães de meu rebanho.

Que faria eu com o vigor de seus braços? Não atingirão a idade madura.

Reduzidos a nada pela miséria e a fome, roem um solo árido e desolado.

Colhem ervas e cascas debaixo dos bosques, por pão têm somente a raiz das giestas.

São postos para fora do povo, gritam com eles como se fossem ladrões, moram em barracos medonhos, em buracos de terra e de rochedos.

Ouvem-se seus gritos nos bosques, amontoam-se debaixo das urtigas, filhos de infames e de gente sem nome que são expulsos do país!

Agora sou o assunto de suas canções, o tema de seus escárnios; afastam-se de mim com horror, não receiam cuspir-me no rosto.

Desamarraram a corda para humilhar-me, livraram-se de qualquer freio diante de mim.

À minha direita levanta-se a raça deles, tentam atrapalhar meus pés, abrem diante de mim o caminho da própria desgraça.

Cortam minha vereda para me perder, trabalham para minha ruína.

Penetram como por uma grande brecha, irrompem entre escombros.

O pavor me invade. Minha esperança é varrida como se fosse pelo vento, minha felicidade passa como uma nuvem.

Agora meu Espírito se dissolve, os dias de aflição me dominaram.

A noite traspassa meus ossos, consome-os, os males que me roem não dormem.

Por sua violência, minha veste deformou-se, aperta-me como o colarinho de minha túnica.

DEUS jogou-me no lodo, tenho o aspecto da poeira e da cinza.

Clamo a Ti, e não me respondes, ponho-me diante de Ti, e não olhas para mim.

Tornaste-Te cruel comigo, atacas-me com toda a força de Tua mão.

Arrebatas-me, fazes-me cavalgar o tufão, aniquilas-me na tempestade.

Eu bem sei, levas-me à morte, ao lugar onde se encontram todos os viventes.

Mas poderá aquele que cai não estender a mão, poderá não pedir socorro aquele que perece?

Não chorei com os oprimidos? Não teve minha alma piedade dos pobres?

Esperava a felicidade e veio a desgraça, esperava a luz, e vieram as trevas.

Minhas entranhas abraçam-se sem nenhum descanso, assaltaram-me os dias de aflição.

Caminho no luto, sem Sol, levanto-me numa multidão de gritos, tornei-me irmão dos chacais, e o companheiro dos avestruzes.

Minha pele enegrece e cai, e meus ossos são consumidos pela febre.

Minha cítara só dá acordes lúgubres e minha flauta sons queixosos.

Eu havia feito um pacto com meus olhos: não desejaria olhar nunca para uma virgem.

Que parte me daria DEUS lá do alto, que sorte o Todo-poderoso me enviaria dos céus?

A infelicidade não está reservada à injustiça, e o infortúnio ao iníquo?

Não conhece DEUS os meus caminhos, e não conta todos os meus passos?

Se caminhei com a mentira, se meu pé correu atrás da fraude, que DEUS me pese em justas balanças, e reconhecerá minha integridade.

Se meus passos se desviaram do caminho, se meu coração seguiu meus olhos, se às minhas mãos se colocou uma mácula, semeie eu, e outro o coma, e que minhas plantações sejam desenraizadas!

Se meu coração foi seduzido por uma mulher, e fiquei à espreita à porta de meu vizinho, que minha mulher gire o mó para outro, e que estrangeiros a possuam!

Pois isso teria sido um crime, uma falta grave passível de justiça, um fogo que devoraria até ao abismo, e que teria arruinado todos os meus bens.

Nunca violei o direito de meus escravos, ou de minha serva, em suas discussões comigo.

Que farei eu quando DEUS se levantar, quando me interrogar, que lhe responderei?

Aquele que me criou no ventre, não o criou também a ele? Um mesmo criador não nos formou no seio da nossa mãe?

Não recusei aos pobres aquilo que desejavam, não tirei a esperança dos olhos da viúva, não comi sozinho meu pedaço de pão, sem que o órfão tivesse a sua parte; desde minha infância cuidei deste como um pai, desde o ventre de minha mãe, guiei aquela outra.

Se vi perecer um humano por falta de roupas, e o pobre que não tinha com que cobrir-se, sem que seus rins me tenham abençoado, aquecido como estava com a lã de minhas ovelhas; se levantei a mão contra o órfão, quando me via sustentado pelos juízes, que meu ombro caia de minhas costas, que meu braço seja arrancado de seu cotovelo!

Pois o temor de DEUS me invadiu, e diante de Sua majestade não posso subsistir.

Nunca pus no ouro minha segurança, nem jamais disse ao ouro puro: “És minha esperança”.

Nunca me rejubilei com o tamanho de minha riqueza, nem pelo fato de minha mão ter ajuntado muito.

Quando eu via o Sol brilhar, e a Lua levantar-se em seu esplendor, jamais meu coração deixou-se seduzir em segredo, e minha mão não foi posta na boca para um beijo.

Isto seria um crime digno de castigo, pois eu teria renegado o DEUS do Céu.

Nunca me alegrei com a ruína de meu inimigo, e nem exultei quando a infelicidade caiu sobre ele.

Não permiti que minha língua pecasse, reclamando sua morte por uma imprecação.

Jamais as pessoas de minha tenda me disseram: “Há alguém que não saiu satisfeito”.

O estrangeiro não passava a noite fora, eu abria a minha porta ao viajante.

Nunca dissimulei minha culpa aos humanos, escondendo em meu peito minha iniquidade, como se temesse a multidão, e receasse o desprezo das famílias, a ponto de me manter quieto sem por o pé fora da porta.

Oh! Se eu tivesse alguém para me ouvir! Eis a minha assinatura: que o Todo-poderoso me responda! Que o meu adversário escreva também um memorial.

Será que eu não o poria sobre meus ombros, e eu não cingiria minha frente com ele como uma coroa?

Dar-lhe-ia conta de todos os meus passos, e me apresentaria diante dele altivo como um príncipe.

Se minha terra clamou contra mim, e seus sulcos derramaram lágrimas, se comi seus frutos sem pagar, se afligi a alma de seu possuidor, que em vez de trigo produza espinhos, e joio em vez de cevada!

Aqui terminam os discursos de Jó.

Jó coloca a grandeza de DEUS como não entendível, mesmo aos sábios. A seguir prevê um final não feliz aos descendentes de pecadores, para concluir, finalmente, que sendo virtuoso e não vendo em si pecados, reclama de DEUS uma escuta de suas súplicas. Nesta altura podemos sentir o drama enorme de Jó, e dos daqueles tempos - e de hoje também -, ao não atinarem ou acreditarem na existência imortal do Espírito, graças a DEUS! A reencarnação como uma bênção divina propiciando os devidos resgates, com total livre-arbítrio e total responsabilidade, propiciando iguais oportunidades a todos os seus filhos, em todas as escalas e etapas das vidas materiais. Como a mensagem do Espírito da Verdade é, de conformidade com mestre JESUS, essencialmente Consoladora, temos que entender o seguinte; apenas aceitam a mensagem Consoladora os Espíritos que atingiram um grau no qual não mais devem efetuar resgates aflitivos, que não são compreendidos, e sim resgates, leves ou pesados, mas já com a devida compreensão. Jó oscila entre a crítica; -... Recusa justiça -... Enche meu Espírito de amargura, e a justificativa de que não pecou contra DEUS. É conflitante a sua posição, típica dos espiritualistas - vida única e material -.

INTERVENÇÃO DE ELIÚ

Como Jó persistia em considerar-se como um justo, estes três homens cessaram de repreendê-lo. Então se inflamou a cólera de Eliú, filho de Baraquel, de Buz, da família de Ram; sua cólera inflamou-se contra Jó porque ele pretendia ter razão contra DEUS. Inflamou-se também contra seus três amigos por não terem achado resposta conveniente, dando assim culpa a DEUS. Como eram mais velhos do que ele, Eliú tinha-se absterido de responder a Jó, mas quando viu que não tinham mais nada para responder, pôs-se em cólera.

Primeiro discurso de Eliú

Então, Eliú, filho de Baraquel, de Buz, tomou a palavra nestes termos:

Sou jovem em anos, e vós sois velhos; é por isso que minha timidez me impediu de manifestar-vos o meu saber.

Dizia comigo: “A idade vai falar; os muitos anos farão conhecer a sabedoria”, mas é o Espírito de DEUS no humano, e um sopro do Todo-poderoso que torna inteligente.

Não são os mais velhos que são sábios, nem os anciãos que discernem o que é justo; é por isso que eu digo: “Escutai-me, vou mostrar-vos o que sei”.

Esperei enquanto faláveis, prestei atenção em vossos raciocínios.

Enquanto discutíeis, segui-vos atentamente.

Mas ninguém refutou Jó, ninguém respondeu aos seus argumentos.

Não digais: “Encontramos a sabedoria; é DEUS, não um humano que nos instrui”.

Não foi a mim que dirigiu seus discursos; mas encontrarei outras respostas diferentes das vossas.

Ei-los calados, já não dizem mais nada; faltam-lhes as palavras.

Esperei que se calassem, que parassem e cessassem de responder.

É a minha vez de responder: vou também mostrar o que sei.

Pois estou cheio de palavras, o Espírito que está em meu peito oprime-me.

Meu peito é como o vinho arrolhado, como um barril pronto para estourar.

Irei falar, isto me aliviará, abrirei meus lábios para responder, não farei acepção de ninguém, não adularei este ou aquele.

Pois não sei bajular; a não ser assim, meu Criador logo me levará.

E agora Jó, escuta minhas palavras, dá ouvidos a todos os meus discursos.

Eis que abro a boca, minha língua, sob o céu da boca, vai falar.

Minhas palavras brotam de um coração reto, meus lábios falarão francamente.

O Espírito de DEUS me fez, e o sopro do Todo-poderoso me deu a vida.

Se puderes, responde-me; toma posição, fica firme diante de mim.

Em face de DEUS sou teu igual, como tu mesmo, fui amassado no barro.

Assim meu temor não te assustará e o peso de minhas palavras não te acabrunhará.

Ora, disseste aos meus ouvidos, e ouvi estas palavras: “Sou puro, sem pecado, sou limpo, não há culpa em mim. É Ele que inventa pretextos contra mim, considera-me como seu inimigo. Pôs meus pés no cepo, espiou todos os meus passos”.

Responderei que nisto foste injusto, pois DEUS é maior do que o humano.

Por que o acusas de não dar resposta aos teus discursos?

Pois DEUS fala de uma maneira, e de outra e não prestas atenção.

Por meio dos sonhos, das visões noturnas, quando um sono profundo pesa sobre os humanos, enquanto o humano está adormecido em seu leito, então abre o ouvido do humano, e o assusta pelas suas aparições, a fim de desviá-lo do pecado, e de preservá-lo do orgulho, para salvar seu Espírito do fosso, e sua vida da seta mortífera.

Pela dor também o humano em seu leito é instruído, quando todos os seus membros são agitados, quando recebe o alimento com desgosto, e já não pode suportar as iguarias mais deliciosas; sua carne some aos olhares, seus membros enegrecidos se desvanecem; seu Espírito se aproxima da sepultura, e sua vida daqueles que estão mortos.

Se perto dele se encontrar um anjo, um intercessor entre mil, para ensiná-lo o que deve fazer, ter piedade dele e dizer: “Poupai-o de descer à sepultura, recebi o resgate de sua vida”, sua carne retoma então o vigor da mocidade, retorna aos dias de sua adolescência.

Ele reza, e DEUS lhe é propício, contempla sua face com alegria.

Anuncia ao humano sua justiça; canta diante dos humanos dizendo: “Pequei, violei o direito, e DEUS não me tratou conforme meus erros; poupou minha vida de descer à sepultura, e minha alma bem viva goza a luz”.

Eis o que DEUS faz duas, três vezes para o humano, a fim de tirar seu Espírito da sepultura, para iluminá-lo com a luz dos que estão vivos.

Presta atenção, Jó, escuta-me; cala a boca para que eu fale.

Se tens alguma coisa para dizer, responde-me; fala, eu gostaria de te dar razão.

Se não, escuta-me, cala-te, e eu te ensinarei a sabedoria.

Segundo discurso de Eliú

Eliú retomou a palavra nestes termos:

Sábios, ouçam meu discurso, eruditos, prestem atenção, pois o ouvido discerne o valor das palavras, como o paladar aprecia as iguarias.

Procuremos discernir o que é justo, e reconhecer o que é bom.

Jó disse: “Eu sou inocente; é DEUS que recusa de me fazer justiça. A despeito de meu direito, passo por mentiroso, minha ferida é incurável, sem que eu tenha pecado”.

Onde existe um humano como Jó, para beber a blasfêmia como quem bebe água, para andar de par com os ímpios, e caminhar com os perversos?

Pois ele disse: “O humano não ganha nada em ser agradável a DEUS”.

Ora, ouçam-me humanos sensatos: longe de DEUS a injustiça! Longe do Todo-poderoso a iniquidade!

Ele trata os humanos conforme seus atos, dá a cada um o que merece.

É claro! DEUS não é injusto, e o Todo-poderoso não falseia o direito.

Quem lhe confiou a administração da Terra? Quem lhe entregou o Universo?

Se Ele retomasse o seu sopro, fizesse voltar a Ele o seu alento, toda carne expiraria no mesmo instante, e o humano voltaria ao pó.

Se tens inteligência, escuta isto, dá ouvido ao som de minhas palavras: Poderia governar um inimigo do direito? Pode o justo, o Poderoso manter a iniquidade?

Ele que disse a um rei: “Malvado!” A príncipes: “Celerados!”.

Ele não tem preferência pelos grandes, e não tem mais consideração pelos ricos do que pelos pobres, porque são todos obra de Suas mãos.

Subitamente, perecem no meio da noite; os povos vacilam e passam, o poderoso desaparece, sem o socorro de uma só mão.

Pois DEUS abre os olhos sobre o proceder do humano, vê todos os seus passos.

Não há obscuridade, nem trevas onde o iníquo possa esconder-se.

Não precisa olhar duas vezes para um humano para citá-lo em justiça consigo.

Abate os poderosos sem inquérito, e põem outros em lugar deles.

Pois conhece suas ações; derruba-os à noite, são esmagados.

Fere-os como ímpios, num lugar onde são vistos, porque se afastaram Dele, e não quiseram conhecer os seus caminhos, fazendo chegar até Ele o clamor do pobre, e tornando-o atento ao grito do infeliz.

Se Ele dá a paz, quem há que O condene? Se oculta Sua face, quem poderá contemplá-Lo?

Assim trata Ele o povo e o indivíduo de maneira que o ímpio não venha a reinar, e já não seja mais uma armadilha para o povo.

Tinha dito a DEUS: “Fui seduzido, não mais pecarei, ensina-me aquilo que ignoro; se fiz o mal, não recomencerei mais”.

Julgas então que Ele deveria punir, já que rejeitaste... És tu quem deves escolher, não eu; dize, pois, o que sabes.

As pessoas sensatas me responderão, como qualquer humano sábio que me tiver ouvido: “Jó não falou conforme a razão, falta bom senso às suas palavras”.
 Pois bem, que Jó seja provado até o fim, já que suas respostas são de um ímpio.
 Leva ao máximo o seu pecado, (bate as mãos no meio de nós), multiplicando seus discursos contra DEUS.

Terceiro discurso de Eliú

Eliú retomou a palavra nestes termos:

Imaginas ter razão em pretender te justificar contra DEUS?

Quando dizes: “Para que me serve isto, qual é minha vantagem de não pecar?”.

Pois vou responder-te a ti e a teus amigos.

Considera os céus e olha: vê como são mais altas do que tu as nuvens!

Se pecas, que danos lhes causas? Se multiplicas tuas faltas, que mal lhe fazes?

Se és justo, que vantagem lhe dás, ou o que recebe Ele de tua mão?

Tua maldade não prejudica senão o humano, teu semelhante, tua justiça não diz respeito senão a um humano.

Sob o peso da opressão, geme-se, clama-se sob a mão dos poderosos; Mas ninguém diz: “Onde está DEUS, meu criador, que inspira cantos de louvor em plena noite, que nos instrui mais do que os animais selvagens, e que nos torna mais sábios do que as aves do céu?”.

Clama-se, pois, sem que sejamos ouvidos, por causa do orgulho dos maus.

DEUS não ouve os discursos frívolos, o Todo-poderoso não presta atenção nisso.

Quando dizes que Ele não se ocupa de ti, que tua causa está diante Dele, que esperas Sua decisão, que Sua cólera não castiga, e que Ele ignora o pecado, Jó abre a boca para palavras ociosas, e derrama-se em discursos impertinentes.

Quarto discurso de Eliú

Depois Eliú prosseguiu nestes termos:

Espera um pouco e eu te instruirei, tenho ainda palavras em defesa de DEUS; irei buscar longe a minha ciência, e justificarei o meu Criador.

Minhas palavras não serão certamente mentirosas, estás tratando com um homem de ciência sólida.

DEUS é poderoso, mas não é arrogante, é poderoso por sua ciência; não deixa o mau viver, faz justiça aos infelizes, não afasta os olhos dos justos; fá-los assentar com os reis no trono, numa glória eterna.

Se vierem a cair presos, ou se forem atados com os laços da infelicidade, ele faz com que reconheçam suas obras, e suas faltas cometidas por orgulho; e abre-lhes os ouvidos para corrigi-los, e diz-lhes que renunciem à iniquidade.

Se escutam e obedecem terminam seus dias na felicidade, e seus anos na delícia; se não, morrem de um golpe, expiram por falta de sabedoria.

Os corações ímpios são entregues à cólera, não clamam a DEUS quando Ele os aprisiona, morrem em plena mocidade, a vida deles passa como a dos efeminados.

Mas DEUS salvará os pobres pela sua miséria, e Ele os instrui pelo sofrimento.

A ti também, Ele retirará das fauces da angústia, numa larga liberdade, e no repouso de uma mesa bem guarnecida.

E tu te comportas como um malvado, com o risco de incorrer em sentença e penalidade.

Toma cuidado que a cólera não te inflija um castigo, e que o tamanho do resgate não te perca.

Levará Ele em conta teu grito na aflição, e todos os esforços do vigor?

Não suspires pela noite, para que os povos voltem para seus lugares.

Guarda-te de declinares para a iniquidade, a de preferir a injustiça ao sofrimento.

**Vê: DEUS é sublime em seu poder. Quem lhe é comparável?
 Quem lhe fixou seu caminho? Quem pode dizer-lhe: “Fizeste mal?”.
 Antes pensa em glorificar sua obra, que os humanos celebram em seus cantos.
 Todos os humanos a contemplam; o mortal a considera de longe.
 DEUS é grande demais para que O possamos conhecer; o número de Seus anos é incalculável.**

**Atrai as gotinhas de água para transformá-las em chuva no nevoeiro, as nuvens as espalham, e as destilam sobre a multidão dos humanos.
 Quem pode compreender como se estendem as nuvens, o estrépito de sua tenda?
 Espalha em volta Dele a Sua luz, e cobre os cimos das montanhas.
 É por esse meio que nutre os povos, e fornece-lhes abundância de alimentos.
 Nas Suas mãos esconde o raio, fixa-lhe um alvo a atingir; seu estrondo o anuncia, o rebanho também anuncia aquele que se aproxima.
 Por isto se espantou o meu coração, e pulou para fora de seu lugar.
 Escutai, escutai o brado de Sua voz, o estrondo que sai de Sua boca!
 Enche toda a extensão dos céus, e seus relâmpagos vão atingir os confins da Terra.
 Logo depois ruge uma voz, troveja com Sua voz majestosa.
 Não retém mais Seus raios quando se faz ouvir.
 DEUS troveja com uma voz maravilhosa, faz prodígios que nos são incompreensíveis.
 Diz à neve: “Cai sobre a terra”, às pancadas de chuva: “Sede fortes”.
 Ele põe selos sobre as mãos dos humanos, a fim de que todos os mortais reconheçam seu criador.**

**A fera também entra em seu covil, e encolhe-se em sua toca.
 O furacão sai da câmara do sul, e do norte chega o frio.
 Ao sopro de DEUS forma-se a neve, e a superfície das águas se endurece.
 Carrega as nuvens de vapor, as nuvens lançam por toda a parte seus relâmpagos que vão em todos os sentidos sob Sua direção, para realizar tudo quanto Ele ordena sobre a face da Terra.
 Ora é o castigo que eles trazem, ora seus benefícios.
 Escuta isto, Jó, para e considera as maravilhas de DEUS.
 Sabes como Ele as opera, e faz brilhar o relâmpago de Sua nuvem?
 Sabes a lei do equilíbrio das nuvens, e o milagre daquele cuja ciência é infinita?
 Por que são quentes as tuas vestes, quando a terra repousa ao sopro do meio-dia?
 Saberás, como Ele, estender as nuvens, e torná-las sólidas como um espelho de metal fundido?
 Dá-me a conhecer o que lhe diremos. Mergulhados em nossas trevas, só sabemos objetar.
 Quem lhe repetirá o que digo? Será um humano capaz de pedir sua própria perdição?
 Agora já não se vê a luz, o Sol clareando através das nuvens; passe um golpe de vento, e Ele as varrerá; a luz vem do norte. DEUS está envolto numa majestade temível; não podemos atingir o Todo-poderoso: eminente em força, em equidade, em justiça, não responde a ninguém.
 Que os humanos, pois, o reverenciem! Ele não olha para aqueles que se julgam sábios.**

(Efeminados = prostitutas sagradas, de vida curta pelas doenças)

Eliú demonstra de modo irretocável a filosofia imperante àquela época, com um grande desconhecimento das grandezas divinas e total desconhecimento, ainda hoje é assim, da vida espiritual. Alia a esta uma crítica direta ao modo como Jó se coloca diante de DEUS.

É oportuno fazer uma observação do que, até aqui, foi narrado; tanto Jó, como seus amigos, falavam sempre as mesmas coisas, do mesmo modo e na mesma sabedoria. Poderíamos até afirmar que eles não demonstraram serem diferentes, apenas complementares uns dos outros. Todos tinham a mesma filosofia e o mesmo comportamento. Dá a impressão de que estavam divulgando sua filosofia, e não discutindo!

DISCURSO DE DEUS

Então, do seio da tempestade, o Senhor deu a Jó esta resposta:

Quem é aquele que obscurece assim a Providência com discursos sem inteligência?

Cinge teus rins como um homem; vou interrogar-te e tu me responderás.

Onde estavas quando lancei os fundamentos da Terra? Fala, se estiveres informado.

Quem tomou as medidas. Já que tu o sabes; quem sobre ela estendeu a régua?

Sobre que repousam suas bases? Quem colocou nela a pedra de ângulo, sob os alegres concertos dos astros da manhã, sob as aclamações de todos os filhos de DEUS? Quem fechou com portas o mar, quando brotou do seio maternal, quando eu lhe dava as nuvens por vestimenta, e a enfaixava com névoas tenebrosas; quando eu lhe traçava os limites, e lhe pus portas e ferrolhos, dizendo: “Chegarás até aqui, não irás mais longe, aqui se deterá o orgulho de tuas ondas?”.

Algum dia na vida destes ordens à manhã? Indicaste o seu lugar à aurora, para que ela alcançasse as extremidades da Terra, e para que dela sacudisse os maus?

Para que ela tome forma como a argila de sinete e tome cor como um vestido, para que seja recusada aos maus a sua luz, e sejam quebrados seus braços já levantados?

Foste até as fontes do mar? Passaste até ao fundo do abismo?

Apareceram-te, porventura, as portas da morte? Viste, por acaso, as portas da tenebrosa morada?

Abraçaste com o olhar a extensão da Terra? Fala, se sabes tudo isso!

Qual é o caminho da morada luminosa? Onde é a residência das trevas?

Poderias alcançá-la em seu domínio, e reconhecer as veredas de sua morada.

Deverias sabê-lo, pois já tinhas nascido: são tão numerosos os teus dias!

Penetraste nos depósitos da neve? Visitaste os armazéns dos granizos, que reservo para os tempos de tormento, para os dias de luta e batalha?

Por que caminho se espalha o nevoeiro, e o vento do oriente se espalha pela Terra?

Quem abre um canal para os aguaceiros, e abre uma rota para o relâmpago, para fazer chover sobre uma terra desabitada, sobre um deserto sem seres humanos, para regar regiões vastas e desoladas, para nelas fazer germinar a erva verdejante?

Terá a chuva um pai? Quem gera as gotas do orvalho?

De que seio sai o gelo, quem engendra a geada do céu, quando endurecem as águas como a pedra, e se torna sólida a superfície do abismo?

És tu que atas os laços das Plêiades, ou que desatas as correntes do Órion?

És tu que fazes sair a seu tempo as constelações, e conduzes a Grande Ursa com seus filhinhos?

Conheces as leis do céu, regulas sua influência sobre a Terra?

Levantarás a tua voz até as nuvens, e o dilúvio te obedecerá?

Tua ordem faz os relâmpagos surgirem, e dizem-te eles: “Eis-nos aqui!”.

Quem pôs a sabedoria nas nuvens, e a inteligência no meteoro?

Quem pode enumerar as nuvens, e inclinar as urnas do céu, para que a poeira se mova em massa compacta, e os seus torrões se aglomerem?

És tu que caças a presa para a leoa, e que satisfazes a fome dos leõezinhos quando estão deitados em seus covis, ou quando se emboscam no cerrado?

Quem prepara ao corvo o seu sustento, quando seus filhinhos gritam para DEUS, quando andam de um lado para outro sem comida?

Conheces o tempo em que as cabras montanhesas dão à luz nos rochedos? Observaste o parto das corsas?

Contaste os meses de sua gravidez, e sabes o tempo de seu parto?

Elas se abaixam e dão cria, e se livram de suas dores.

Seus filhos tornam-se fortes e crescem nos campos, apartam-se delas, e não voltam mais.

Quem pôs o asno em liberdade, quem rompeu os laços do burro selvagem?

Dei-lhe o deserto por morada, a planície salgada como lugar de habitação; ele ri-se do tu-

multo da cidade, não escuta os gritos do cocheiro, explora as montanhas, sua pastagem, e nela anda buscando tudo o que está verde.

Quererá servir-te, o boi selvagem, ou quererá passar a noite em seu estábulo?

Porás uma corda em seu pescoço, ou quebrará ele atrás de ti os torrões?

Fiarás nele porque sua força é grande, e lhe deixarás o cuidado de tua lavoura?

Contarás com ele para que te devolva o que semeaste, e que te encha a tua eira?

A asa do avestruz bate alegremente, não tem as penas da cegonha e do falcão...

Ele abandona os seus ovos na terra, e os deixa aquecer no solo, não pensando que um pé poderá pisá-los, e que animais selvagens poderão quebrá-los.

É duro com seus filhinhos, como se não fossem seus, ele não se incomoda de ter sofrido em vão; pois DEUS o privou de sabedoria, e não lhe abriu a inteligência.

Mas quando alça o voo, ri-se do cavalo e de seu cavaleiro.

És tu que dás o vigor ao cavalo, e foste tu que enfeitaste seu pescoço com uma crina ondulante, que o fazes saltar como um gafanhoto, relinchando terrivelmente?

Orgulhoso de sua força, escava a terra com a pata, atira-se à frente das armas.

Ri-se do medo, nada o assusta, não recua diante da espada.

Sobre ele ressoa a aljava, o ferro brilhante da lança e o dardo; tremendo de impaciência, devora o espaço, o som da trombeta não o deixa no lugar.

Ao sinal do clarim, diz: “Vamos!”. De longe fareja a batalha, a voz tonante dos chefes e o alarido dos guerreiros.

É graças à tua sabedoria que o falcão alça o voo, e desdobra as suas asas em direção ao meio-dia?

É sob tua ordem que a águia levanta o voo, e faz seu ninho nas alturas?

Ela habita o rochedo, e nele passa a noite, sobre a ponta rochosa e o cimo escarpado.

De lá, espia sua presa, seus olhos penetram as distâncias.

Seus filhinhos se alimentam de sangue, em todo lugar em que há cadáveres, ela lá está.

O Senhor dirigindo-se a Jó, lhe disse:

Que aquele que disputa com o Todo-poderoso apresente suas críticas! Que aquele que discute com DEUS responda!

(Beemot = hipopótamo)

É evidente que não se trata de DEUS, embora não citado é um enviado de DEUS para atender aos lamentos de Jó. Vem para afirmar os conceitos da época, não para consolar seu filho Jó. É até irônico para com Jó quando afirma que; se ele estava Consigo ao desenvolver as criações!

Jó respondeu ao Senhor nestes termos:

Leviano como sou, que posso responder-te? Ponho minha mão na boca, falei uma vez, não repetirei, duas vezes..., nada acrescentarei.

Jó, aqui, é extremamente prudente; eu reclamei uma, não reclamarei duas vezes!

Então, do seio da tempestade, o Senhor deu a Jó esta resposta:

Cinge os teus rins como um humano; vou interrogar-te, tu me responderás.
 Queres reduzir a nada a minha justiça, e condenar-me antes de ter tido razão?
 Tens um braço semelhante ao (braço) de DEUS, e uma voz tonante como a dele?
 Orna-te de grandeza e de majestade, reveste-te de esplendor e de glória!
 Espalha as ondas de tua cólera; com um olhar, abaixa todo o orgulho; com um olhar, humilha o soberbo, esmaga os maus no mesmo lugar em que eles estão; enfia-os todos juntos debaixo da terra, amarra os seus rostos num lugar escondido; então eu também te louvarei por triunfares pela força de tua mão.
 Vê Beemot, que criei como te (criei), nutre-se de erva como o boi; sua força reside em seus rins, e seu vigor nos músculos de seu ventre.
 Levanta sua cauda como (um ramo) de cedro, os nervos de suas coxas são entrelaçados; seus ossos são tubos de bronze, sua estrutura é feita de barras de ferro.
 É obra prima de DEUS, foi criado o soberano de seus companheiros; as montanhas fornecem-lhe a pastagem, os animais do campo divertem-se em volta dele.
 Deita-se sob os lótus, no segredo dos caniços e dos brejos; os lótus cobrem-no com sua sombra, os salgueiros da margem o cercam.
 Quando o rio transborda, ele não se assusta; mesmo quando um Jordão borbotasse até às goelas, ele ficaria tranquilo.
 Quem o seguraria pela frente, e lhe furaria as suas ventas para nelas passar cordas?
 Poderás tu fisgar Leviatã com um anzol, e amarrar a sua língua com uma corda?
 Serás capaz de passar um junco em suas ventas, ou de furar sua mandíbula com um gancho?
 Ele te fará muitos rogos, e te dirigirá palavras ternas?
 Concluirá ele um pacto contigo, a fim de que faças dele sempre teu escravo?
 Brincarás com ele como com um pássaro, ou atá-lo-ás para divertir teus filhos?
 Será ele vendido por uma sociedade de pescadores, e dividido entre os negociantes?
 Crivarás sua pele de dardos, e fincarás um arpão em sua cabeça?
 Tenta por a mão nele, sempre te lembrarás disso, e não recomeçarás.
 Tua esperança será lograda, bastaria seu aspecto para te arrasar.
 Ninguém é bastante ousado para provocá-lo; quem é aquele que o resistiria face a face?
 Quem pode afrontá-lo e sair com vida, quem, debaixo de toda extensão do céu?
 Não quero calar (a glória) de seus membros, direi seu vigor incomparável.
 Quem levantou a dianteira de sua couraça? Quem penetrou na dupla linha de sua dentadura?
 Quem abriu os dois batentes de sua goela, em que seus dentes fazem reinar o terror?
 Sua costa é um aglomerado de escudos, cujas juntas são estreitamente ligadas; uma toca a outra, o ar não passa por entre elas; uma adere tão bem à outra, que são encaixadas sem se poderem desunir.
 Seu espirro faz jorrar a luz, seus olhos são como as pálpebras da aurora.
 De sua goela saem chamas, escapam centelhas ardentes.
 De suas ventas sai uma fumaça, como de uma marmitta que ferve entre chamas.
 Seu hálito queima como brasa, a chama jorra de sua goela.
 Em seu pescoço reside a força, diante dele salta o espanto.
 As barbelas de sua carne são aderentes, esticadas sobre ele, inabaláveis; Duro como a pedra é seu coração, sólido como a mó fixa de um moinho.
 Quando se levanta, tremem as ondas, as vagas do mar se afastam.
 Se uma espada o toca, ela não resiste, nem a lança, nem a azagaia, nem o dardo.
 O ferro para ele é palha, o bronze, pau podre.
 A flecha não o faz fugir, as pedras da funda são palhinhas para ele.
 O martelo lhe parece um fiapo de palha; ri-se do assobio da azagaia.
 Seu ventre é coberto de cacos de vidro pontudos, é uma grade de ferro que se estende sobre a lama.
 Faz ferver o abismo como uma marmitta, faz do mar um queimador de perfumes.
 Deixa atrás de si um sulco brilhante, como se o abismo tivesse cabelos brancos.

Não há nada igual a ele na Terra, pois foi feito para não ter medo de nada; afronta tudo que é elevado, é o rei dos mais orgulhosos animais.

O enviado divino humilha a sabedoria de Jó e faz uma velada crítica a sua confiança nos desígnios divinos. Ele acredita piamente que está na presença de DEUS. No início do livro ele havia afirmado que não acreditava que DEUS pudesse ouvi-lo!

RESPOSTA DE JÓ

Jó respondeu ao Senhor nestes termos:

Sei que podes tudo, que nada te é muito difícil.

“Quem é que obscurece assim a Providência com discursos ininteligíveis?”. É por isso que falei, sem compreendê-los, maravilhas que me superam e que não conheço.

“Escuta-me, deixa-me falar: vou interrogar-te, tu me responderás”.

Meus ouvidos tinham escutado falar de ti, mas agora meus olhos te viram.

É por isso que me retrato, e arrependo-me sobre o pó e a cinza.

A simples presença de uma figura divinal faz Jó se arrepender de tudo o que disse, ele nem pensou que pudesse ser um enviado do mal - isso não ocorreu no início da história?- O desconhecimento e o fanatismo nos levam a cometer as coisas mais estúpidas e sem nexos que possamos imaginar. Que isto nos sirva de alerta!

EPÍLOGO

Depois que o Senhor acabou de dizer essas palavras a Jó, disse a Elifaz de Temã: “Estou irritado contra ti e contra teus amigos porque vós não falastes corretamente de mim, como Jó, meu servidor. Procurai, pois, sete touros e sete carneiros, e vinde procurar meu servidor Jó. Oferecei por vós este holocausto, e meu servidor Jó intercederá por vós. É em consideração a ele que não vos infringirei ignomínias por não terdes falado bem de mim, como Jó, meu servidor”. Elifaz de Temã, Baldad de Suás, e Sofar de Naamat foram-se então para fazer como o Senhor lhes tinha ordenado, e o Senhor tomou em consideração as orações de Jó.

Enquanto Jó rezava por seus amigos, o Senhor o estabeleceu de novo em seu primeiro estado e lhe tornou em dobro tudo quanto tinha possuído. Todos seus irmãos, todas suas irmãs, todos seus amigos de antigamente vieram visitá-lo, e sentaram-se com ele à mesa em sua casa. Tiveram muito dó dele e deram-lhe condolências a respeito de todas as infelicidades que o Senhor tinha feito cair sobre ele; e cada um deles ofereceu-lhe uma peça de prata e um anel de ouro.

O Senhor abençoou os últimos tempos de Jó mais do que os primeiros, e teve Jó quatorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentas. Teve também sete filhos e três filhas, chamou a primeira Jémima, a segunda Kétsia, e a terceira Keren-Happouk. Em toda a Terra não poderiam ser encontradas mulheres mais belas do que as filhas de Jó. E seu pai lhes destinou uma parte da herança entre seus. Depois disso, Jó viveu ainda cento e quarenta anos, e conheceu até a quarta geração dos filhos de seus filhos. Depois, velho e cheio de dias, morreu.

Procurando exaltar a Jó vê-se DEUS (?) criticar aos amigos de Jó por não serem tão corretos quanto ele, mas no desenvolvimento desta história o que vimos não é isso, vimos Jó criticando a DEUS e os amigos defendendo-O. Mas como a história deveria terminar premiando os valores materiais da época, nada melhor que exaltar a Jó, pelo tradicionalismo, e fazê-lo muito mais rico do que era antes, como se a riqueza material fosse o prêmio divino aos que se afastavam do mal e temessem a DEUS.

FINAL

Ao concluirmos a leitura, e interpretação, do livro de Jó, chegamos a importantes conclusões:

- a) na leitura bíblica é necessário que se vislumbrem situações parabólicas, figurativas, mas principalmente se situar no contexto da época em que ela se desenrola.
- b) a análise interpretativa no sentido espiritualista exige uma fé cega nos desígnios divinos; DEUS faz o que quer!
- c) o sheol pode corresponder ao cemitério / materialistas, ou céu, limbo, inferno / espiritualistas, ou plano espiritual, umbral / Espíritas.
- d) para os espiritualistas esta história, ou estória, depois de todos os problemas, só podia ter um final; gozo feliz nesta vida. Para os Espíritas isto é de quase nula importância.

Amém

FIM